



FOM FOM



A Revista Feita Para o Lar
2 de Dezembro de 1950
N.º 2.277

OS MOLDES DESTES E DE
OUTROS FIGURINOS EN-
CONTRAM-SE NO SUPLE-
MENTO DE BISCOS E
BORDADOS
PREÇO: Cr\$ 3,00 EM TODO
O BRASIL.

O excesso de velocidade causa 50% dos acidentes!



Evite os indesejáveis em seu carro!

A DIREÇÃO de um automóvel, quer nas estradas onde a velocidade é uma tentação, quer nas ruas congestionadas, onde os imprevistos se multiplicam, exige o perfeito controle de seus sentidos.

PROTEJA-SE também contra o Acidente e assim, o imprevisto que a todo momento pode surgir. Procure conhecer as vantajosas condições da apólice SAMMA contra Acidentes Pessoais.

A Velocidade é a tentação N.º 1 dos motoristas... e a causa imediata de 50% dos desastres. Evite essa Indesejável em seu carro. Pense na sua vida e respeite as vidas alheias. Antes chegar atrasado que não chegar nunca ou provocar a desgraça de outros lares.

Guie com moderação e segurança, contribuindo para baixar o nível dos desastres no Brasil, um dos mais altos do mundo. Mas como toda cautela é pouca, e nem sempre é possível prever e evitar os erros alheios, esteja, sempre, protegido por uma apólice de seguro de automóveis da Sul América Terrestres, Marítimos e Acidentes. Estará, assim, amparado contra os riscos financeiros dos acidentes de automóvel.

OS MANDAMENTOS DO AUTOMOBILISTA

- 1 - Nunca dirija depois de beber.
- 2 - Nunca ultrapasse as velocidades máximas.
- 3 - Mantenha freios, buzinas e tarôis em boas condições.
- 4 - Não passe à frente nas curvas.
- 5 - Conserve a sua direita.
- 6 - Conserve seus olhos na estrada.
- 7 - Obedeça religiosamente aos sinais.
- 8 - Deixe o Amor para depois...
- 9 - Guie com as duas mãos.
- 10 - Segure o seu carro contra Acidentes e danos contra vida e propriedade de terceiros.



SUL AMÉRICA TERRESTRES, MARÍTIMOS E ACIDENTES

A maior companhia de seguros em seu gênero da América Latina

ENDERÊÇO

Administração, Redação e Oficinas:
— Rua Pedro Alves, 60. — Tels.:
— Gerência e Publicidade: 23-5180.
Redação: 23-6282. Contabilidade:
43-1527. — Caixa Postal 97. —
End. Teleg. FON-FON. — Sucursal
em São Paulo — Gabriel Pereira —
Rua Xavier de Toledo, 141, 2.º and.
— Representante na Europa: Comp-
toir International de Publicité (P.
Garçon & Ch. Levindrey) 28 Boule-
vard Haussman PARIS (9e) - France.

ANO XLIV

Rio de Janeiro

2 de Dezembro de 1950

DIRETOR-PRESIDENTE

Sérgio Silva.

DIRETOR RESPONSÁVEL

Ary Sérgio Silva.

DIRETOR-SECRETÁRIO

André Sérgio Silva.

DIRETOR-TESOUREIRO

Cyrol Vieira Machado.

REDATOR PRINCIPAL

Martins Capistrano

REDADORES

Elcias Lopes e Bastos Portela

COLABORADORES

Gustavo Barroso — Alziro Zarur —
Angelus — Edvar Carmilo — Edgard
Pereira — Gil — Janny Pimentel de
Borba — J. Luiz — Lázinha Luis
Carlos de Caldas Brito — Luiz A.
Dourado — Luis Serrano — Merce-
des S. Martins (Miss "N") — N.
Francioli — Zilah Bastos Seabra.

Venda avulsa Cr\$ 3,00
Núm. atrazado Cr\$ 3,50
Núm. atras. pelo Correio Cr\$ 4,00

Preço das assinaturas em todo o Brasil

Porte Simples

Ano (52 ns.) Cr\$ 150,00
Semestre (26 ns.) Cr\$ 75,00

Registrado

Ano (52 ns.) Cr\$ 180,00
Semestre (26 ns.) Cr\$ 90,00

As assinaturas começam e terminam
em qualquer mês.

Palhaço

MARTINS CAPISTRANO

EVOCO sempre com
cluternecida emoção
os pequeninos episó-
dios da minha vida.
Eles andam dispersos nas
paisagens que revejo, nas
doces lembranças que
revolvo, nos aconteci-
mentos sem importân-
cia, que se desenrolam
à margem do meu ca-
minho. Se recordar não é viver, é, pelo menos, sentir a fascinação do passai-
do na saudade do presente.
Ontem, sob a tarde plácida deste mês de evocações queridas, que se dissol-
ve, languidamente, nos primeiros calores do verão, um pobre palhaço ado-
lescente levou-me, como uma criança, ao cenário simples e distante da mi-
nha meninice, para rever, comovidamente, a velha praça onde um circo de
lona desbotada era o motivo das minhas alegrias mais completas, era o sím-
bolo da minha felicidade mais pura.

Ao entardecer, quando o sol do sertão abrandava a intensidade de seus
rigores, e soprava a brisa amantíssima do nordeste, abria-se um portão de
madeira, no fundo do circo, para dar saída a um jumentinho paciente, sobre
cujo lombo um rapaz todo pintado, de vestes espalhafatosas, fazia gestos
grotescos e dizia palavras ridículas. Era o palhaço. Alguns meninos maltrapi-
lhos esperavam-no, do lado de fora, para acompanhá-lo, depois, pelas ruas
da cidade, numa exibição galhofeira de propaganda do espetáculo da noite.
E gritava o palhaço:

— Hoje "tem" espetáculo?

— "Tem", sim, "senhor!" — respondia, em coro, a garizada em festa.

— Hoje "tem" marmelada?

— "Tem", sim, "senhor!"

E assim percorria toda a cidade anunciando a "função" do circo da
praça e tentando a curiosidade das crianças e das pessoas grandes.

Eu gostava de ver o palhaço. Mas tinha medo de seu aspecto ridículo,
de sua cara branca, da sunga de quadradinhos multicores que vestia... Meus
oito anos ainda não compreendiam as atitudes inofensivas daquele rapaz
em "travesti", igual a todos os rapazes que precisavam de ganhar a vida
assim.

— O palhaço o que é?

— E' ladrão de "mulher..."

Ladrão de mulher... Ouvindo essa revelação dos meninos que se-
guiam os passos morosos do jumentinho do circo, eu segurava as minhas
irmãzinhas, que se comprimiam comigo à janela, para ver o palhaço...

Mas o pobre rapaz fantasiado ia passando sem roubar as mulheres que
o espiaavam...

A noite, eu ia revê-lo no circo, fazendo graça e dando saltos, que,
muitas vezes, deviam machucá-lo no chão da arena. Todas as bobagens que
ele dizia provocavam o riso da meninada ali reunida.

O palhaço rolava na terra úmida, ficava comicamente sob os trapézios
onde trabalhavam acrobatas, ou sob as cordas por onde andavam duas lin-
das artistas de cabelos de sol. E assim ia decorrendo o espetáculo, cheio de
atrações e de surpresas para mim e para os outros meninos que haviam
pago a entrada.

No circo da vida, depois que me fiz homem, e deixei lá na cidade-
zinha natal os meus oito anos assustados e felizes, tenho encontrado mu-
itos palhaços, mas bem diferentes desse que me divertiu outrora.

Só ontem, pela tarde quieta, ao regressar à casa, após um dia exausti-
vo no turbilhão da metrópole, uma cena igual à do palhaço da minha in-
fância me enterneceu e me fez de novo menino, levando-me aos sonhos, à
ingenuidade e aos receios dos meus oito anos...

— Hoje "tem" espetáculo? — dizia ele.

E um grupo de garotos, que o acompanhava, respondia:

— "Tem", sim, senhor!

Tudo semelhante ao episódio de antigamente: o palhaço era jovem,
era grotesco e tinha a cara branca. Faltava-lhe, apenas, o jumentinho pa-
ciente. O jumentinho que a civilização espantou...



Psicanálise é como a democracia: Respeita as atitudes individuais de cada um.

O QUE A PSICANÁLISE FAZ POR

OS ESPECIALISTAS AINDA ESTÃO DISCUTINDO DETALHES TÉCNICOS DA PSICANÁLISE. MAS, MESMO SEM O SABER, VOCE ESTÁ APLICANDO MUITAS DAS IDEIAS DE FREUD TODOS OS DIAS DE SUA VIDA.

A PSICANÁLISE é tão importante para o mundo, para você e para mim, quanto a descoberta da penicilina e da desintegração do átomo. De 50 anos para cá, sua descoberta trouxe para o mundo considerável quantidade de saber — saber que aplicamos na nossa vida diariamente.

Nenhum homem ou mulher inteligente de hoje pode ignorar o que seja a psicanálise. Empregamos no nosso uso diário idéias ou palavras que nos vêm de Sigmund Freud, o médico vienense que se dedicou inteiramente a obstinada pesquisa das verdades novas sobre a conduta humana.

Não se deve procurar o impacto da psicanálise nos terrenos onde os especialistas discutem os detalhes técnicos, mas nas alterações que se deram na nossa maneira de pensar diária.

Quando, hoje em dia, uma criança recusa comida, já não dizemos simplesmente, como antigamente: "perdeu o apetite". Perguntamos: "Que será que a está perturbando? Quando um menino já não estuda bem, não aprende como devia, não concluímos ser ele estúpido ou teimoso, como fazíamos antigamente; procuramos o motivo escondido por detrás do seu fracasso (muitas vezes ele está apenas se recusando a aprender).

O adolescente que rouba, ao que suspeitamos, pode estar exprimindo algo diferente por meio do roubo — uma necessidade de amor, o desejo de esquecer alguma experiência que lhe disseram ser "errada" e na qual não deva pensar. Quando alguém se retira do repente de uma festa com uma dor de estômago, já não dizemos automaticamente, como outrora: "deve ter sido alguma coisa que ele comeu"; dizemos: "que será que o está comendo?"

Um marido verifica que está arranjando cada dia mais desculpas para ficar até tarde no escritório; sua mulher descobre que cada dia mais está sendo necessária em casa de sua mãe; ambos param um momento e

pensam: "Espere aí. Que negócio é este? Que é que há por detrás disso tudo?"

OS CONFLITOS CAUSAM DOENÇAS

Nos acontecimentos simples da vida de todo dia, a psicanálise mudou nossa maneira de ver as pessoas se a nós mesmos, nossas ações, emoções e conflitos. Ensinou-nos que o ser humano age num todo — não meramente com a superfície superior e consciente do espírito não meramente com um cérebro que dirige um corpo, não meramente de acordo com regras de um "são raciocínio". Provou-nos que há razões para a conduta irracional.

A psicanálise ensinou-nos que a nossa habilidade para pensar racionalmente está diretamente ligada ao nosso modo de sentir. Demonstrou geralmente conflitos emocionais.

Ensinou-nos que uma criança tanto é capaz de sentir como de comer, de querer como de obedecer, de crescer como de aumentar de peso. Mostrou-nos que a personalidade humana traz em si as cicatrizes de terríveis batalhas, empreendidas na solidão e no medo, contra pais que não compreenderam o que as crianças na verdade precisavam, temiam ou desejavam.

O SOFRIMENTO PERMANECE

A psicanálise mostrou-nos como o desejo que foi posto de lado como "além em que não devíamos pensar", na verdade não foi afastado; como o amor que foi condenado não morreu; como as extremas emoções infantis — as crianças podem amar ou odiar demais — continuam a viver em formas disfarçadas na conduta do adulto.

A psicanálise é um ramo da medicina, uma forma de terapia. E a própria terapia produziu teorias que representam um extraordinário instrumento para a pesquisa, em todos os campos, do porque da conduta humana.

Nossos tribunais, hospitais, escolas e mesmo algumas fábricas têm seus próprios trabalhadores sociais, psiquiatras, fiscais, especialistas — que não foram psicanalizados, que talvez nunca sejam analisados, mas que empregam os conhecimentos profundos que Freud e seus continuadores nos legaram.

Na psicanálise, o analista e o paciente exploram as diferentes significações do que o paciente diz e do que não diz. Essas significações estão muitas vezes ocultas ou deformadas, pois que a personalidade tenta evitar os conflitos profundos, as lembranças dolorosas, os impulsos violentos. A personalidade desenvolve "abrigos" para crises passadas, racionalizações para desejos semi-compreendidos, "mecanismos de escape" para a ansiedade, medo ou sensação de culpa.

A ANÁLISE É ARDUA

Os psicanalistas dispõem de um a três anos com cada doente. Por isso acumularam enorme número de observações muito detalhadas sobre o ser humano. Não se trata de impressões esparsas ou compreensões brilhantes porém isoladas. São observações longas, feitas nas mesmas pessoas, sob condições diversas, realizadas na convivência viva dos conflitos, aflições, fracassos, sucessos, amores e ódios.

Ao doente que não pode apreciar a vida, ao escritor que não consegue terminar um livro, a um chefe paralisado por dúvidas, a um homem que não se pode casar, a uma mulher que não pode permanecer casada, a uma pessoa desatinada pelo álcool, a esses doentes a psicanálise poderá ou não trazer uma vida nova. Depende do que o doente tanto quanto o médico analista, possa trazer a um processo extremamente complicado.

Muita gente acha que o mal de Freud foi dar demasiada importância ao sexo. Mas é claro que já havia sexo em grande quantidade no mundo antes de Freud. Nunca houve falta de pegadas, romances ou tratados sobre os tabus morais e sexuais. E nenhuma sociedade humana pode existir sem leis rigorosas — escritas ou não — que regulem a conduta sexual, a proteção dos menores, a canalização dos poderosos impulsos sexuais para o casamento e formação de famílias.

Os temas sexuais identificados com o nome de Freud estão envolvidos no folclore e na religião de todas as sociedades humanas. A Bíblia, os dramas gregos, Shakespeare, todos estão cheios de histórias sobre a trágica união en-

A doutora Margaret Mead, autora de "Male and Female", "Coming of age in Samoa" e muitos outros livros, é uma das antropologistas mais distintas do mundo. Estudou psicanálise durante 25 anos e aplicou as teorias de Freud aos seus estudos da cultura americana e de oito sociedades primitivas. A doutora Mead ainda não foi "psicanalizada".

Freud não descobriu o sexo.
Ajudou-nos a compreendê-lo.

VOCÊ

Por MARGARET MEAD

tre um pai e um filho ou a violenta rivalidade entre irmãos, ou as relações entre pais e filhos, mães e filhas.

O SEXO ENCARADO CIENTIFICAMENTE

Freud não descobriu o sexo, nem sequer inventou a idéia de que o sexo é muito importante. O que Freud fez foi dar-nos um modo de compreender o sexo, que trouxesse vantagens ao século XX. A psicanálise apareceu numa época em que o mundo aceitava a ciência como um modo de pensar e estava pronto para a aceitar a ciência como um modo de pensar aplicado às pessoas.

Freud realizou a grande tarefa de colocar o estudo da conduta humana a parte que era aceitável e a que era inaceitável — dentro da moldura da ciência.

OS SERES HUMANOS RETEM AS EXPERIÊNCIAS

Alguns críticos de Freud falam como se ele não tivesse feito outra coisa senão analisar o sexo. Achariam conveniente esquecer que ele explorou a relação de todas as necessidades humanas básicas de um organismo vivo. Ele colocou estas dinâmicas em nova luz. Analizou a relação entre a conduta "instintiva" e a desejada, entre os motivos conscientes e os inconscientes. Mostrou-nos que cada espírito humano retém e depois emprega, ou constrói ou destrutivamente, as experiências que teve na vida.

Alguns acham que a psicanálise insiste demais na irracionalidade humana. Já foi até moda fazer vivo contraste entre a conduta racional e a irracional. Tendíamos a pensar que a parte irracional devia ser desaprovada, conservada à margem da existência, fechada em algum compartimento para só sair nos períodos de pressão emocional — quando uma pessoa se apaixona ou quando perde um parente próximo. Mas a psicanálise veio demonstrar a relação inseparável entre a racionalidade e a irracionalidade. Den-nos novos universos de percepções vindo do exame interno de nós mesmos, tanto quanto do externo.

Freud descobriu que os "erros" que fazemos, as coisas que "esquecemos", os sonhos que sonhamos dormindo ou acordados, são indicações importantes, que têm significações positivas. A troca de uma palavra por outra, por exemplo, é significativa — fato que nenhuma mulher,

cujo marido distraidamente a chamou pelo nome de outra, ignora.

O DEVER DE RECONHECER O MEDO

Num mundo que teve muita fé no poder da razão somente, e que encerrava as emoções humanas com desdém, foi colocada uma balança, pela psicanálise.

Hoje, sabemos que os impulsos mais fortes do homem podem ser controlados e padronizados, porque podem ser compreendidos. O mundo moderno viu a emergência de uma nova espécie de ser humano; a pessoa que não foi analisada, provavelmente nunca o será, mas aceitou uma nova responsabilidade moral — parar e examinar seus próprios motivos, tantos os claros como os remotos, tantos os racionais como os irracionais.

A psicanálise representa um papel decisivo na medicina psicossomática — o ramo da medicina que faz do corpo e do espírito um conjunto único. Antigamente, os médicos achavam que uma dor no corpo era "real", e que uma dor provinda de um conflito emocional era "imaginária". O médico ficava satisfeito, declarando que não havia base orgânica para tal sofrimento e o doente era mandado embora. Mas a psicanálise veio demonstrar que as dores que se originam no espírito podem ser tão verdadeiras quanto as que se originam no corpo.

Hoje, sabemos que uma dor no coração pode ocasionar uma dor no estômago. As emoções podem causar modificações no corpo que até

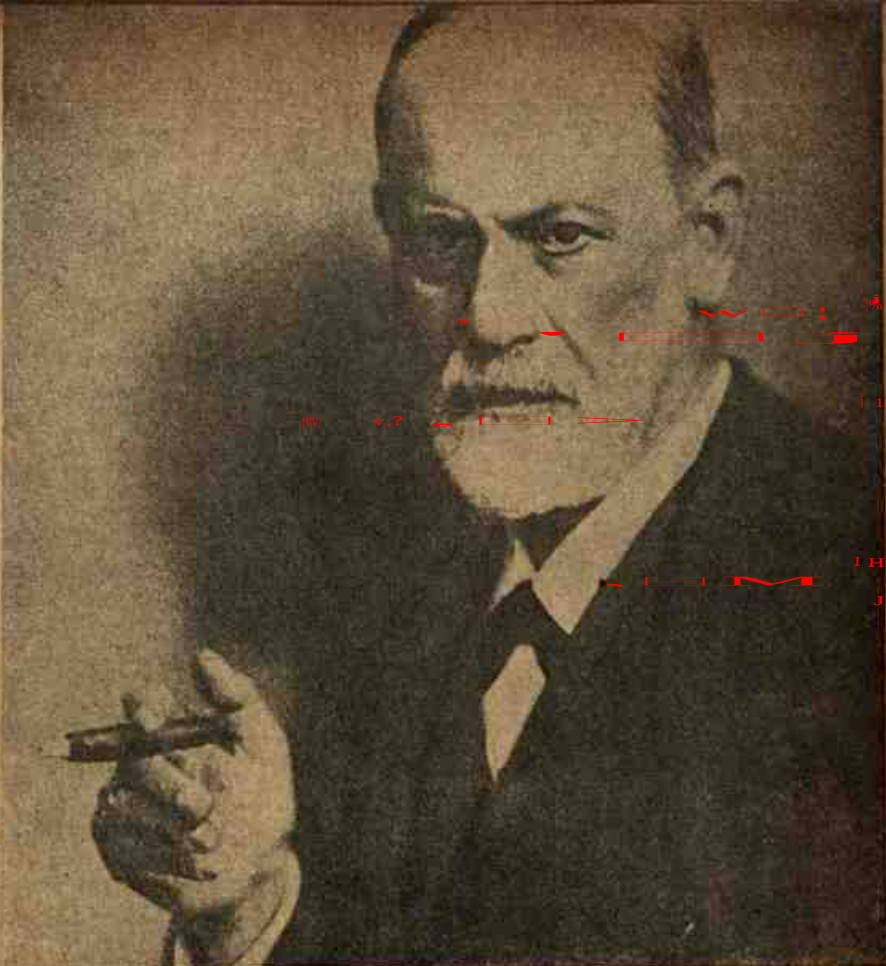
podem ser fotografadas ou medidas. A psicanálise mudou nossa atitude em relação ao medo. Durante a Primeira Guerra Mundial grande número de nossos soldados sofriam "depressões nervosas" ou ficavam em estado de choque, em grande parte porque os haviam educado a achar uma vergonha o fato de sentir medo. No princípio da Segunda Guerra Mundial, o Prof. John Bellard, da Universidade de Yale e seus associados estudaram um grupo de soldados voluntários que tinham enfrentado os combatentes com profunda convicção moral. Como resultado desse estudo, ficou reconhecido o direito que o homem tem de ter medo; e até mesmo o dever do soldado, em determinadas circunstâncias, de admitir o medo, em vez de o negar.

A TEMERIDADE NÃO É NORMAL

A falta absoluta de medo não significa coragem; não é normal; é, além disso, uma atitude que pode prejudicar seriamente a segurança alheia. Aceitando o conjunto da natureza humana tal como a psicanálise tanto acentua, tornamo-nos capazes de aguentar parte do insuportável peso que a guerra impôs aos nossos jovens.

A mãe moderna pode não saber que está sendo influenciada pela psicanálise, mas aprendeu a ser muito mais consciente no que faz a seus filhos, e a si própria. Aprendeu que a extrema indulgência e a extrema disciplina podem ter as mesmas raízes; e que demasiada indulgência pode ser crueldade disfarçada.

(Continua na pag. seguinte)



Sigmund Freud, "pai da psicanálise".

LIBERDADES PARA AS CRIANÇAS

Nossos jardins de infância e creches permitem que as crianças entrem em experiências mais seguras com um mundo mais vasto, e põem-nas à vontade com os seus próprios corpos. A quantidade de imunizações que a criança moderna tem que adotar, a extração das amígdalas, a necessidade de aprender a ler, a ideia de que escrever com a mão direita é "certo" e com a esquerda "errado", tudo isso tem sido reconsiderado à luz dos conhecimentos psicanalíticos.

Reconhecemos agora que a criança não é apenas um objeto plástico, um anjinho sem culpas, puro e imarcescível até que alguém lhe ensine palavras feias ou preconceitos de raça; reconhecemos que a criança não é nenhuma máquinazinha.

Alguns clamam contra a psicanálise como anti-científica devido à impossibilidade que há de repetir (ou mesmo observar) uma análise. Estreita definição de ciência é esta! A psicanálise não é uma ciência experimental; nem o são as ciências baseadas na observação das sequências ocorridas no passado e que não podem ser repetidas: evolução, geologia, astronomia.

Os princípios tirados da psicanálise podem ser experimentados na prática. Esses princípios foram estudados, por exemplo, por Bindra — em ratos de laboratório (a fim de se ver como eles reagem à falta de alimento, etc.) em cachorrinhos (para ver o efeito de alimentação em horas diferentes numa ninhada); por David Levy — em pintalhões (cujos impulsos para bicar ficaram frustrados pelo fato de ficarem eles presos em gaiolas). Como terapia no entanto, a psicanálise não é um conjunto de experiências; como terapia, deve respeitar a integridade do doente.

Toda sabedoria nova tende a extremar-se nas suas interpretações. Procurando corrigir a anterior e anti-psicológica importância dada às "condições verdadeiras", muitas vezes a psicanálise foi demasiado longe, na direção oposta. Enquanto se dá muita importância à personalidade dos delinquentes juvenis, por exemplo, dá-se muita pouca atenção ao ambiente que os cerca.

A delinquência medra nos bairros pobres não porque as relações entre pais e filhos nos bairros pobres sejam diferentes das de Park Avenue, mas devido às habitações deficientes, lugares de recreio inadequados, oportunidades de dispor de mercadorias ou objetos roubados, o exemplo de adultos que os induzem ao crime.

A psicanálise revelou que por trás da superfície de conduta mais meiga podem ocultar-se hostilidades mortais; que por trás de uma vida aparentemente devotada podem estar secretos desejos de ferir, dominar ou destruir. Essa ideia foi tão perturbadora que se esqueceram, da natureza "mã" e "boa" do homem. (Freud disse que o homem é muito mais imoral e muito mais moral do que se pensa). E porque tão pouca coisa tinha sido dita ou ensinada antes, sobre o mal, a psicanálise foi criticada como "sempre mostrando o lado pior". Sentiram-se ameaçados pela parte da psicanálise que os perturbava e não compreenderam bem quanto ela dava importância ao conjunto total da personalidade.

APLICAMOS A SABEDORIA

Vivemos numa época que acredita que a sabedoria deva ser aplicada. Logo que isolamos a fonte de uma moléstia — o mosquito, a água poluída, o leite infeccionado de vacas doentes — organizamos os recursos da comunidade, tentando controlar a malária, a febre tifoide ou a tuberculose.

Dos conhecimentos dos laboratórios de patologia, e dos centros experimentais, vem a sabedoria que rege os nossos programas públicos. E das centenas e centenas de horas que levam os trabalhos com os doentes, os psicanalistas nos oferecem ideias e técnicas que podem ser adaptadas à comunidade como medidas de saúde mental pública.

Não é atoa que as maiores hostilidades feitas à psicanálise são encontradas nos regimes ditatoriais e nos indivíduos dogmáticos e fanáticos, devido ao medo que têm das ideias novas. A bancarrota do Marxismo como teoria reside na ausência total de qualquer psicologia, qualquer teoria válida sobre a conduta humana. Os regimes baseados no Marxismo focalizam a atenção numa coisa chamada "humanidade", e não nos homens e mulheres individualmente.

A ANÁLISE ENFRENTA A TAREFA

A democracia, no entanto, reside num profundo respeito pelo indivíduo. E a psicanálise, como a democracia, reside na ideia de que os adultos podem se entender a si mesmos, e podem alterar seus destinos.

Que papel representarão os psicanalistas na nossa sociedade do futuro? Seus conhecimentos serão cada dia mais confirmados, de modo que eles serão sem dúvida mais amplamente respeitados, como qualquer outro grupo de especialistas de medicina. Mas não basta aos psicanalistas ser especialistas caros e hábeis.

Os psicanalistas podem aceitar o papel histórico que Freud desempenhou — mencionar o que não é mencionável, forçar-nos a encarar o inaceitável, focalizar a atenção no que as nossas instituições fazem pelos seres humanos, insistir para que confrontemos com franqueza as imperfeições da sociedade.

O trabalho nas salas de consulta deve, certamente, ir para diante; mas o público tem o direito de pedir aos psicanalistas material novo, isto é, novos conhecimentos, novas teorias obtidas nos seus inestimáveis arquivos. O psicanalista deve continuar a ser um profeta — e não apenas um sacerdote que guarda uma tradição.

A verdadeira contribuição da psicanálise reside no fato de que nos ensinou isto:

1. Você pode compreender-se a si mesmo, melhor e de modo diferente do que o fazia antes.

2. Para se ter conhecimento interior, deve-se explorar todos os aspectos dos seres humanos, tanto os construtivos como os destrutivos, tanto os triviais como os portentosos, o pensamento que segue as sensações do corpo bem como aquele que segue as leis da lógica. (Concluí na pag. 10)



Você conseguiria dormir com estes quarenta objetos?

INSONIA. A QUANTO OBRIGAS? — APARELHOS ROTATORIOS, TRAVESEIROS ESPECIAIS, CANÇÕES DE EMBALAR E ADORMECEDORES METRONOMICOS AUXILIAM AS VITIMAS DO VIRA-PARA-UM-LADO E VIRA-PARA-O-OUTRO NA CAMA.

FON-FON — 2-12-1950

DORMIR não é coisa simples para este casal. E, de fato, produto intrincado e complexo. Mas quando, finalmente, eles pegam no sono, num quarto onde abundam os aparelhos elétricos, o sono — mecanicamente induzido — vem atirar-lhes a areia nos olhos, como faz com todo mundo. A diferença é o modo por que esse casal consegue atrair o arredio sr. Sono.

Eles se entregam docemente ao sono duramente conquistado com o auxílio de nada menos que quarenta objetos comprados numa loja especializada no assunto. É claro que isso se passa nos Estados Unidos. Chama-se essa loja Lewis & Conger, de Nova York, mas é conhecida por Loja do Sono, onde se pode encontrar tudo quanto é soporífico e tudo quanto é invenção moderna capaz de render ao sono o mais irredutível dos insones.

Vejam, por exemplo, essa esposa, na fotografia: após ter-se certificado

de que os circuitos elétricos se fariam bem sob a carga aumentada, ligou os chinelos elétricos; acertou o cobertor elétrico ao ponto requerido; pôs a trabalhar o seu Massagista Vitalator, aparelho que lhe faz massagem com certa energia no pescoço; ligou o Responsador Pulsante a fim de conservar o colchão em movimento constante e assentou uma lâmpada de raios infravermelhos. Controlou também a atmosfera com um aparelho circulador de ar, um umidificador de atmosfera, um de ar condicionado e um de Perfume, que, segundo o seu fabricante, "amplifica e espalha fragrâncias e perfumes através do quarto". Então, enquanto esperava o sono, recostou-se num travesseiro especial, fumou um cigarro Robot Holder, ouviu uma canção de embalar em surdina e — entre induções de um Aparelho Rotatório e conselhos mudos de uma

Placa sugerindo um bocejo — contemplou o espóso que já dormira.

Enquanto ela fazia tudo isso, o espóso conseguiu o seu objetivo sem tanto trabalho. Tomara um banho com um Preparado Soporífico para Banhos. Depois, com um par de amortecedores para os ouvidos (anti-ruidicos), uma máscara para tapar a luz, um Embalador Metronômico, e um Disco de Descanso gravado por um périto em sugestão mental, conseguiu mergulhar no sono reparador. Como precaução, em caso de alguém poder ainda perturbá-lo, conserva à mão uma porção de livros de conselhos, publicados pela Liga da Vizinhança Polida. Mal ele adormeceu a esposa tapou-lhe a boca com uma invenção notável chamada "Não-ronque", inventada com o fim de impedir os ruidos, assopros e assovios que se emitem durante o sono. E isso, com medo de que ele a impedisse de dormir.

FON-FON — 2-12-1950



Arte de Ser Bela

O PENTEADO E A MODA

M. HELENA

POR mais que se fale e se comente sobre o possível crescimento dos cabelos para essa nova e cálida estação que se aproxima, continuará, e talvez por muito tempo ainda, a grande influência e tendência dos cabelos curtos.

Quem se lembra que lá para 192... e poucos, começou a vir a moda dos cabelos a "la garçone", quase tão curtos quanto o dos homens?

Ouviu-se no princípio os dolorosos protestos dos belos cabelos tão impiedosamente cortados! Porém, pouco a pouco, veio vindo o hábito, e com êle, o sossêgo dos cabelos acostumados com a nova sorte. Cachos e mais cachos, rolavam diariamente no chão dos infinitos institutos de beleza, ficando em seu lugar uma cabecinha quase que completamente despida e com ligeiros toques masculinos.

E a moda custou a passar...

Mais tarde, foi o corte "la garçone" total-

mente abolido, voltando as longas e sedosas madeixas. Hoje porém, lindas e onduladas cabeleiras são repetidamente devastadas.

A tão fascinante cabeleira, passando dos ombros, está em tal grau desprovida de atração, quanto há algum tempo atrás, esteve o cabelo liso e curto.

Até quando durará ainda essa prática to-sagem?

Não sabemos. A moda é tão incerta! Podemos dizer somente que nessa primavera e nesse verão que se aproximam, as possuidoras de fartas e macias cabeleiras, ainda não as terão fôfas e soltas ao vento.

Por enquanto, as tesouras continuarão vitoriosas, seu inclemente trabalho, refrescando as modernas cabeças, com os mais diversos e curtos penteados.

Coisas da moda senhores! Tratemos pois de respeitá-las!



Estôjo "Pour Monsieur" /

Crema para barba

• Loção Facial

Cr\$ 45,00



Estôjo "Pour Monsieur"

Crema para barba

Loção Facial

Brilho para cabelo

Cr\$ 70,00

Estôjo "Pour Monsieur"

Crema para barba

Loção Facial

Brilho para cabelo

Talco para homem

Cr\$ 150,00



...E ele começará o dia pensando em você!

Estes lindos estôjos "Pour Monsieur" contêm o essencial para a toilette masculina pela manhã. São, portanto, um presente ideal para seu esposo, para seu noivo, para os seus colegas. Um estôjo Coty "Pour Monsieur" é mais do que um presente — é um tributo ao bom gosto.

ESTOJOS "POUR MONSIEUR"

Coty



LYTOPHAN

EM TUBOS DE VINTE COMPRIMIDOS

PHENOMENO



E' O GRANDE E ANTIGO SEGREDO QUE TORNA LINDOS OS CABELLOS

PERFUMARIA TARRÉ
R. VISCO DO RIO BRANCO, 60-RIO-

Diante de um cadáver

MOZARINA GIARLINI

Escuta, vã criatura, fútil e orgulhosa
Aquilo que ali vês, outrora foi um homem
Hoje é uma estátua fria, quieta, silenciosa,
Pasto de vermes, podridão que os bichos comem.

Foi como tu, a massa inerte que ali está.
Um ser humano, que sentia e palpitava,
Conforme as emoções que a vida sempre dá.
Também tinha ilusões... Também ele sonhava...

Aquêle olhar parado, fixo, inexpressivo,
Que nada vê do mundo, nada mais entende,
Em outros tempos era inteligente e vivo,
Tinha o fulgor da luz quando em clarões se acende.

Aquela boca escancarada pelo espanto,
Ante o espetáculo espasmódico da morte,
Já murmurou palavras de ternura e encanto,
Beijou com todo ardor de homem viril e forte.

Não são de cera as mãos cruzadas sobre o peito,
Estão geladas. Não transmitem mais calor.
Mas foram ágeis, trabalharam com proveito
E provocaram frêmitos sensuais de amor.

O corpo de boneco, rígido, impassível,
Há pouco tempo inda vagava pelas ruas.
Dançava em bailes, elegante, irreprensível.
E se abraçava a corpos de mulheres nuas.

Hoje é o que vês. Matéria em decomposição.
Nenhuma sombra da vivacidade antiga.
Em vez de lençóis perfumados — um caixão
E a dança lúgubre de vermes na barriga.

Aquilo, amigo, é simplesmente o teu destino.
Destino que te aguarda a qualquer hora ou instante,
Que te persigue desde os tempos de menino,
E a cuja força nenhuma outra há que suplante.

Baixa a cabeça altiva e aprende a ser mais nobre.
Por que, no ensinamento que esta vida encerra,
Verás que, para todos, seja rico ou pobre,
Há um só destino sob um punhado de terra.

O QUE A PSICANALISE FAZ POR VÓCE (Conclusão)

3. Você é um ser humano completo; o passado deve ser levado em conta, re-estudado e re-compreendido. Você pode aprender e alterar muita coisa de si mesmo — aceitando o que passou, não negando nada, e não tentando forjar uma personalidade nova ou hábitos novos de repente.

4. Novos conhecimentos interiores acarretam novas responsabilidades. Você se torna responsável por fazer alguma coisa em relação aquilo que descobriu em si mesmo.

5. Os conhecimentos podem ser utilizados; você pode descobrir melhores meios de educar crianças, entender seu marido ou mulher, cuidar dos necessitados, dos doentes, dos extraviados. Podemos impedir muitos sofrimentos, muitos crimes, muitas brutalidades com que os indivíduos que ocupam certas posições costumam ferir os outros.

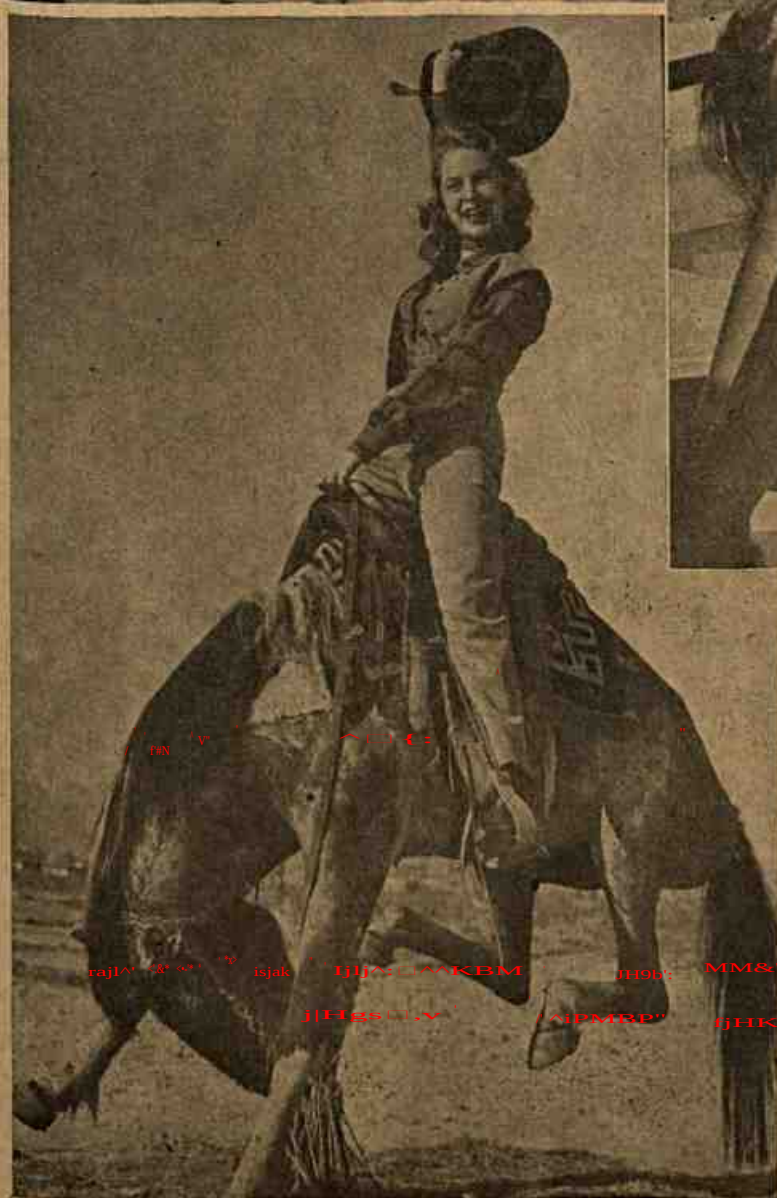
6. As reformas sociais e econômicas, por mais urgentes que se tornem, nunca resolvem o caso inteiramente; pois que a sociedade humana é formada de seres humanos com necessidades, impulsos e capacidades fundamentalmente enraizados no passado de cada um.

7. Mudando nossas instituições, formamos novos problemas para nós mesmos.

E um maior conhecimento interior é necessário para resolver e solucionar bem esses problemas.

A psicanálise não é uma panacéia que venha resolver todos os nossos problemas; porque os velhos problemas serão sempre substituídos por novos. Mas é precisamente devido ao poder e ao escape da teoria psicanalítica que nos sentimos aptos a pedir aos psicanalistas que se dediquem à tarefa comum de tornar o mundo em que vivemos o mundo em que queremos viver.

VOCE GOSTA DE JANET LEIGH?



Então saiba que ela dominou por completo a cidade de Tucson, nos Estados Unidos. Conseguiu mesmo atrair todas as atenções no famoso rodeio de Tucson.

Desejosa de um descanso após a filmagem de seus últimos filmes "Jet pilot" e "It's a big country", a estrelinha partiu para o Arizona. Em vez de encontrar ali descanso foi encontrar mais movimento que durante as suas filmagens na Metro e na RKO. Pois chegou exatamente no dia em que se celebrava o famoso rodeio, e logo todas as atenções foram para ela. O prefeito de Tucson deu-lhe o lugar de honra na arquibancada. Depois de terminado o rodeio, apareceram vaqueiros de todos os lados para ensinar-lhe a domar um potro bravo, atrair o laço e pôr ferraduras. Chegaram a vesti-la com os trajes típicos do Oeste.

Como todo o turista, Janet montou no potro bravo oficial de Tucson, conhecido como "o terror Tucson". Janet achou as laranjas de Tucson como as da Califórnia. Tomou banho de piscina e flirtou um pouco.

A VISÃO de todo dia de meninos no cito ou emombo de animais sonolentos — essa adolescência afanosa e tristinha das roças — não deixava a gente reparar em que o Mãozinho era quase uma criança quando se empregou no correio. Nem foi nenhum bicho de sete cabeças o seu aparecimento como estafeta entre Piedade e Leopoldina: dia sim, dia não, religiosamente, lá ia ele de madrugada para a cidade, para regressar ao arraial às últimas horas da noite, levando e trazendo a mala postal.

Ele é Deus, estada fora, com chuva ou com sol, com luar ou sem ele. Dia sim, dia não...

Descansava um dia lidando no correio e ajudando em casa; à tardinha recolhia o cavalo e prendia-o a capim, sob a cobertura do quintal. Deitava-se cedo e às duas ou três da manhã estava de saída, rumo à cidade.

de gente silenciosa carregando estalantes e imagens? Tinha-se esquecido de que um enorme javali rondava as ruas daquela mesma hora? E o cavaleiro da morte?...

Mas o rapaz desmanchava essas imaginações dizendo que quem tinha a consciência em paz não via nem temia tais coisas.

— Olhem — acrescentava: — eu saio e entro no arraial fora de horas há muito tempo e nunca vi nada disso, graças a Deus.

Ah! mas era porque ele saía e entrava sempre antes e depois da meia noite; não era à meia noite, quando ninguém tinha coragem de botar o nariz fora de casa.

— Pode ser que seja — retrucava Mãozinho — Mas a verdade é que, se há um sujeito que não sabe o que é assombração, sou eu.

Que Deus o protegesse, mas que tivesse muito cuidado e não faci-

assombravam a população — ele, o único homem, talvez, que via o arraial e os seus arredores em pleno sono e à mercê dos maus espíritos que os espreitavam! Ninguém intimamente acreditava nisso, pois ainda estava fresquinho na memória de todos o aperto que fulano passou com uma mula sem cabeça, quase ao fim da quaresma... e sicrano, que por pouco não ficou nas garras de um lobisomem furioso...

Mas não se podia duvidar do Mãozinho, que era moço direito e petido como ele só. Se visse alguma coisa seria o primeiro a contar; não tinha necessidade de mentir.

Foi assim que, um dia, — vamos contar e quem não acreditar pode ir até Piedade, que hoje é Piacatuba, lá na Zona da Mata, e perguntar ao Mãozinho, que, se ainda viver, há de contar melhor do que nós — um dia ele acordou cedinho como de

A MULHER DA FAZENDA DA PEDRA

Conto de EDSON KNEIPP

de, onde precisava chegar antes das oito para dar tempo de apanhar a mala do trem das nove.

Este era, e ainda é, o ramal que liga Leopoldina a Vista Alegre, em cuja estação tem que esperar, de manhã, a passagem do expresso de Ponte Nova e Cataguazes para o Rio de Janeiro, e de tarde o que vem em sentido contrário. Donde se conclui que o trezinho não é culpado dos atrasos que sofre, de manhã, que, ao tempo da nossa história, se ele chegava no horário (às 17 horas), Mãozinho podia montar e ir-se embora para o arraial ao soar da Ave-Maria.

Quando chegaria a Piedade? Lá pelas dez, Deus quisesse. Correr não devia: a estrada era má, embora lhe conhecesse todos os segredos. Nem era preciso pressa. Mas ele não tinha medo de andar sozinho assim pela estrada escura e deserta? — perguntavam-lhe. Mãozinho esboçava um sorriso de confiança e respondia com outra pergunta: medo de que? (bem que ele sabia do que se contava dentro e fora do arraial). Ora medo de que! — replicavam. Então ele nunca tinha ouvido falar da procissão que saía da igreja à meia noite, com toda a igreja iluminada e uma multidão

tasse com essas coisas. Olha que ele tinha que atravessar de manhãzinha e de noite as terras da fazenda da Pedra, e não tinha sido uma nem duas vezes que elas botaram gente de cabelos em pé.

Mãozinho ouvia essas advertências sem se impressionar. Afinal, o que ele via era que essas fantasmagorias só serviam para intranquilizar as crianças e acovatar os grandes, e administrava até de que coitassem tais bobagens perto de crianças; não havia uma no arraial que não conhecesse a história da procissão, a história do javali ou do porco bravo, a história do entêro que saía dessa ou daquela casa, a história do cavaleiro da morte... esse notívago diabólico que mal ouvia as badaladas da meia noite começava a galopar furiosamente pelas ruas com a cachorrada nos calcanhares. Quem tinha coragem de sair debaixo dos lençóis para vê-lo? Batia quicxo e lá ficava bem quietinho como se ainda assim temesse ser descoberto pelo perigoso fantasma.

Foi ouvindo tudo isto que Mãozinho cresceu e virou homem de verdade. Respeitado pela sua coragem e pela veracidade da sua palavra, causava admiração por nunca endossar as fantasiosas histórias que

costume, ainda escuro como breu, e selou o baio. Engoliu uma caneca de café, botou atrás de si a porta e de um galcio achou-se em cima do cavalo, que, de rédeas curtas, iniciou a caminhada.

Ante esses rumores matinais costumeiros, um galo cantou perto. Um espadanar de asas mais além antecedeu a réplica, e daí a pouco a permuta melancólica de cânticos prolongados e nostálgicos denunciou os primeiros vagidos de um novo dia.

Começaram cedo hoje... — comentou consigo o cavaleiro. — Vamos, companheiro — incentivou o animal, que já feria com os cascos ferrados as pedras da rua principal. Quem estivesse acordado àquela hora estaria imaginando coisas, pois tanto podia ser o estafeta saindo do arraial como o... Cruz, credo!

Mas quem não pensava em nada era o próprio Mãozinho. Que noite! Tal a intensidade do luar, que as sombras projetadas pelo casario podiam ser devassadas de longe. Limpido e estrelado, o céu de prata seduziu o olhar do caminheiro solitário como que segredando-lhe belezas e consolos que só ele, mercê da sua abnegada profissão, tivesse o privilégio de haurir em sua in-

linidade com a natureza mágica das
medicinas. □ »

Maozinho afeiçoara-se a essa natureza e a compreendia em suas caprichosas manhas, fosse indescritivelmente bela como agora, ou sombria e agressiva como na estação chuvosa. Conhecendo as manhas e antecipando-se a elas, como num jogo de ^{pedra} e ^{esconde} que o divertia. Que se ^{lhe} ^{perguntassem} quando haveria chuva ou quando o sol queimaria as roças: um simples e despretensioso olhar pelo espago daria pronta resposta.

"Amanhã eu vou" — anunciou um curiango rolando à sombra de um bambuzal à margem, e mais adiante, uma preta cruzou a estrada a poucos passos do cavalo. Este, porém, habituado aos acidentes pitorescos da caminhada, prosseguiu a marcha normalmente.

La despoitou finalmente a pedra que dava nome a fazenda proprietária das terras que o cavaleiro iria pisar agora; fuscava ao luar feito um cianio liso, engastado no barranco. Em baixo, a porteira rangia a manobra, executada pelo cavaleiro sem se desmontar. Dali em diante era uma descida em largos ziguezagues de cerca de dois quilômetros, até o extremo dos limites da fazenda, confinado numa encruzilhada aberta.

Despreocupado como sempre, Mãozinho ora cantarolava, ora asso-biava baixinho, como que distraído o próprio cavalo, já acostumado com o bom humor do dono. Os cascos feriam o chão duro em andadura lenta e ritmada: plat-plat, plat-plat; e de rédeas soltas o animal conduzia-se a vontade.

Subito, na quietude da noite, que repercutiam apenas os rumores dos vencedores do caminhante magrificado, chegou-lhe aos ouvidos o apelo de uma voz longínqua:

Espera! Mãozinha!

O cavalo ergueu o pescoço e es-
tremeceu, obrigando Maozinho a
circular rapidamente o freio. Ma-
noel viu. Mas daí a pouco a porci-
ta gemeu li em cima: imuu... e
estolou no tronco: paa...

Quem quer que fosse ainda vinha longe — concluiu Miaozião, pondo o cavalo novamente a andar, mas a passo, para dar tempo de ser alcançado. A voz soou, porém, mais perto.

O cavalo ergueu as orelhas, eriçou o pelo e passarinhou.

— Quiet! — ordenou-lhe o dom, sem compreender o nervosismo do animal.

Tornou a olhar para o caminho percorrido; nada! Quem seria? — indagou consigo. Soltou de novo as rédeas e o cavalo arrancou de um ímpeto para a frente, obrigando o estafeta a dominá-lo com energia.

— Espere! Mãosinho!... — repetiu a voz, agora em timbre mais definitivamente feminino. Mãosinho virou-se inconfortavelmente e então viu desportar na última curva, lá em cima, um vulto branco bamboeando, a pé, estrada abaixo. Retendo a cuspida o animal, o rapaz ficou a vista na estranha apuração e logo observou que a tal mulher tomava proporções disformes à medida que se aproximava. O cavalo relinchou, cada vez mais irritado, esticou o pescoço numa tentativa de se libertar da pressão do freio, e conseguiu dar alguns passos à frente. Mas o cavaleiro dominou-o ainda.

Absolutamente consciente, certo de que não estava sonhando e de que não era vítima de nenhuma alucinação, Mãozinho relatava em acreditar no que seus olhos viam. A apatidão aproximava-se rapidamente e crescia... crescia...

— Esperará! Maozimho!... vibrou-lhe aos ouvidos a voz impressionante do vulto fantástico, que agora se dobrava sobre ele a poucos passos atrás, como se o quisesse envolver com o cavalo e tudo com os seus braços longos e brancos semelhantes a tentáculos de um polvo gigantesco.

Preso, finalmente, das primeiras sensações do terror, quasi hipnotizado pela grotesca figura que se avolumava à sua retaguarda, o estafeta acabou-se convencendo de que corria algum perigo; afrouxou as rédeas e curvou-se sobre o pescoço do cavalo, que, ao sentir-se livre, tomou o freio nos dentes e desabalou numa corrida desesperada. E a voz atrás:

— Espere! Mãozinha... que
 H, também vou!...

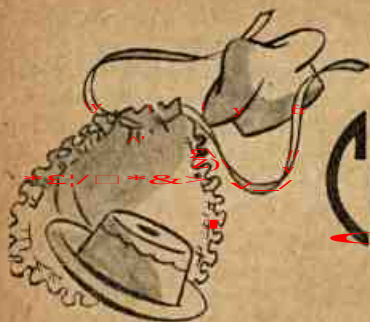
A louca disparado do cavalo ribombava no silêncio da madrugada, levantando nuvens de poeira pela estrada em fora. Sem mais ação, o cavaleiro limitava-se a grediar as mãos na cabeça do arto, equilibrando-se inconscientemente em cima da montaria. E a espantosa mulher atrás, como se viajasse em botas de sete léguas! Ao atingir, porém, os limites das terras, o cavalo entrou sem vacilar pela estrada certa que o levava ao seu destino, e então, na semi-inconsciência em que se achava, Moacinho viu a sua perseguidora debruçar-se e acenar-lhe com os compridos braços, exclamando:

—□ Adeusi! Măoziiinho!

Quando deu cobro de si, estava caído na calçada, defronte à agência do comércio de Leopoldina. Rente, o cavalo banhado em suor e ofegante. Ainda estava escuro. Intrigado, Moacinho sacou do relógio: faltava pouco para as três! Sentiu um arrepio percorrer-lhe o corpo: então ele erra a hora: acordara mais cedo do que costumava.

Neste caso, devia ter cruzado a fazenda da Pedra mais ou menos a meia noite. . .





CULINÁRIA de BOM GOSTO

BOLO CONFETADO DE FRUTAS

- 1/4 de xícara de manteiga
- 1/2 xícara de açúcar
- 2 colheres de sopa de água
- 1/4 de xícara de cerejas cristalizadas
- 1/4 de xícara de laranjas cristalizadas
- 1-3/4 de xícara de farinha de trigo
- 3 colheres de chá de fermento
- 1/2 c.c. de chá de sal
- 1/4 x.c. de cream crackers
- 4 c.c. de sopa de gordura
- 2/3 de x. de leite
- 2 colheres de sopa de manteiga
- 1/2 x.c. de açúcar preto
- 1 c.c. de chá de canela
- 1/4 de xícara de groselha

Espalhe a manteiga pelo fundo e os lados de uma forma para pudim. Adicione o açúcar à manteiga batendo com uma espátula. Umedeça com água e arrume no fundo as cerejas cortadas ao meio e os pedaços de laranja cristalizada.

Peneire a farinha, fermento e sal juntos; adicione os cream crackers esmigalhados. Junte a gordura e o leite para formar uma massa leve. Bata em uma tábua polvilhada com farinha durante 1/2 minuto. Espalhe até formar um retângulo com 15 centímetros de largura e 5 de altura. Pincele ligeiramente com manteiga derretida e polvilhe com açúcar preto, canela e a groselha. Enrole até formar um rolo de massa e coloque na forma. Leve ao forno quente durante 35 minutos. Depois de retirar do forno deixe esfriar antes de remover da forma.



A Estréia de Gala de "Harvey"

A senhora Walda Calvert, diretora de publicidade da Universal-International no Brasil, foi convidada para atender à reunião publicitária em Nova York em tomo dos preparativos para o lançamento mundial do filme "Harvey". De volta, já entre nós, a senhora Calvert relata aqui, suas impressões sobre a viagem:

NO dia 10 de outubro a meia-noite, partimos de Nova York para Hollywood, numa viagem de 11 horas com apenas uma parada em Chicago. Chegamos em Hollywood no dia 11 e não se perdeu tempo, almoçamos no Hotel onde fomos hospedados fidalgamente, o Roosevelt Hotel, para em seguida visitarmos os magníficos estúdios da Universal, em Universal City. Nessa tarde fomos apenas apresentados aos diretores e chefes de vários departamentos. Voltamos para o hotel, a fim de nos prepararmos para o grande momento que nos aguardava, a estreia de gala de "HARVEY". Jamais num ambiente de alegria e seguiu-se numa limusine que aqui chamaríamos de locação, mas em um locação particular dos estúdios da Universal-International, e chegamos finalmente ao "Carthay Circle" nome do elegante cinema onde se



Ginger Rogers nesta pose pedia à representante do Brasil que transmitisse a todos os brasileiros a sua admiração pelo Brasil que ainda espera visitar um dia.

realizam atualmente todas as grandes estrélas de gala. Acho que será difícil descrever em meras palavras a grandiosidade desta festa e principalmente a ordem resultante. Imagine que de cada lado do cinema existem arquibancadas onde se reune um enorme público que vem assistir apenas a chegada da nobilidade do cinema, os inúmeros astros e estrélas. Nós, que fazíamos parte da comitiva de recepção, tivemos oportunidade de falar com a maioria dos astros e estrélas, os quais vieram em número excedente à expectativa, vi Claudette Colbert, Ann Blyth, Donald O'Connor, Stephen McNally, Ronald Russell, John Russell, Dan Duryea, Yvonne De Carlo, Marta Toren, Charles Drake, Peggy Dow, Piper Laurie, Tony Curtis, Jeff Chandler e centenas de outros. Finalmente "HARVEY".

A peça foi representada em Nova York durante 5 anos consecutivos, já foi representada em 28 diferentes países, será representada no próximo mês em Bruxelas e em Paris e, no fim do ano, em Buenos Aires, conforme me disse alguns dias depois a autora, Mary Chase. Não vou contar o que é o filme, porque isto seria tirar o sabor de uma coisa gostosa. Vou dizer apenas que o protagonista do filme, JAMES STEWART tinha um amigo inseparável a quem ele chamava de Harvey e que ninguém mais via senão ele. JAMES STEWART tinha uma irmã mais velha, personagem esta vivida maravilhosamente bem por Josephine Hull e em torno destes dois nomes se centraliza o filme que sem dúvida será um dos maiores filmes de todos os tempos, não vou dizer que é uma comédia, e uma boa lição de psicologia e humanidade. A Universal-International acertou em centralizar toda a atenção do mundo em "HARVEY", pois eu de minha parte jamais esquecerei "HARVEY", como filme e como o veículo que me proporcionou os mais proveitosos momentos de minha carreira de publicista.

De cima para baixo: Foto tirada durante um almoço oferecido a altas autoridades, dentre os quais Mr. Eric Johnston, presidente da Motion Pictures Association, o qual discursava, no momento, tendo à sua direita o Dr. Lindstrom, representante das Nações Unidas — Instantâneo tomado à entrada do cinema Carthay Circle, no ocasião da estreia do gala do filme "HARVEY". — Grupo fotografado no escritório de Mr. Alfred E. Daff, presidente da Universal-International, vendo-se à extrema direita Mr. David Lipton, Diretor de Publicidade da Universal Pictures Incorporation.

Rádior

DIREÇÃO DE ALZIRO ZARUR



O DIA DE AÇÃO DE GRAÇAS

OS Estados Unidos celebram, todos os anos, o "Thanksgiving Day" — Dia de Ação de Graças. "A Voz dos Estados Unidos" assinalou a passagem da grande data com um programa especial, do qual extraimos os trechos que se seguem. O "Thanksgiving Day" é a data em que os norte-americanos somam os benefícios e alegrias que tiveram durante o ano, agradecendo a Deus tudo o que receberam. No Brasil, porém, como data nacional, é muito recente. Mas apareceu como um elo a mais, a ligar as duas grandes nações irmãs. Cristalizou uma idéia enunciada pela primeira vez em 1909, quando o grande Joaquim Nabuco, embaixador brasileiro nos Estados Unidos, proferiu estas palavras: "A idéia do padre Russel, abrilhantada pela presença do vosso primeiro magistrado, será a mais bela simbolização da solidariedade das Américas." Nessa ocasião, realizou-se na Catedral de São Patrício a celebração do Dia de Graças, à qual comparecera o presidente Taft; o padre Russel convidara o presidente a comparecer à cerimônia, de que participavam todos os representantes das Américas. Fato interessante: foi o presidente Abraão Lincoln quem estabeleceu (por sugestão de uma senhora norte-americana) que a última quinta-feira de novembro fosse dedicada a essa solenidade, há 86 anos passados. No Brasil, depois das palavras de Joaquim Nabuco, Carlos de Luet fez uma petição ao Congresso, pedindo a declaração de um Dia de Graças para o Brasil. A idéia foi ganhando terreno, até que o Cardeal Arcoverde, em 1918, elogiou publicamente o espírito da festa norte-americana. Passaram-se os anos, e em 1949 o Grupo de Ação Católica renovou o pedido ao Congresso. O Senado aprovou a lei a 30 de maio, e a Câmara em 26 de julho. O presidente Dutra firmou a lei em 17 de agosto, e agora tem o Brasil o seu Dia de Ação de Graças, todos os anos. E o rádio bem pode colaborar nessa festividade, que tanto aproxima as criaturas do Criador...

NOTAS SOLTAS

1 — Ramos de Carvalho distinguu o diretor desta seção com palavras carinhosas, num postal da BBC. O brilhante locutor brasileiro, que há vários anos atua na British Broadcasting Corporation, concedeu uma entrevista coletiva aos cronistas da ABCR, contando as novidades da grande pátria de Shakespeare. Ramos de Carvalho tem sabido honrar nossa radiodifusão, mercê de sua atividade magnífica na BBC de Londres. 2 — Rodolfo Mayer irá, brevemente, a Portugal. O notável ator interpretará "As Mãos de Eurídice", de Pedro Bloch, para os nossos irmãos d'alem-mar. 3 — Nelson Batista de Azevedo apresenta, às quintas-feiras, às 9,30 horas, na Rádio Roquette Pinto, o seu programa "A Voz do Bem": mais uma realização a serviço da solidariedade humana. 4 — A novela de Granice Franco — "A Marcha para Deus", levada com sucesso pelo elenco de rádio-teatro da Nacional, está sendo filmada. 5 — O programa "A Juventude cria", que a Rádio Ministério da Educação põe em onda com o concurso de alunos do Colégio Pedro II, todas as quintas-feiras, às 17,30 horas, representou a rádio-peça policial de Alziro Zarur — "O mistério das três moedas". Os jovens atores do colégio-padrão do ensino secundário no Brasil brilharam nesse trabalho do Sherlock do rádio. 6 — "Edifício Balança Mas Não Cai", de Max Nunes, é um dos maiores êxitos humorísticos da Rádio Nacional e foi lançado no horário da famosa PRK-30, enquanto Lauro Borges e Castro Barbosa excursionam pelos Estados. 7 — Aumenta bastante, cada dia que passa, o número de fãs do comentário de Al Neto — "Nos bastidores do mundo", em moldes tipicamente norte-americanos. Al Neto introduziu no rádio brasileiro o comentário de substância contra a política de "encher linguiça" que caracteriza os cronistas do microfone.

STÉLIO RODOLFO



A verdade sobre a "casa" de Rui Bruno

PRINCÍPIO, MEIO E FIM — A GRANDE LIÇÃO AMARGA — SINTOMAS DE VOCACÃO SUICIDA — O RÁDIO BRASILEIRO E COMO O BOH...

Reportagem de ALZIRO ZARUR
Fotografias de CAUBY

A CONTECEU, nestes últimos dias, caso interessante nos bastidores do rádio: o do radialista Rui Bruno, elemento novo, mas bastante conhecido nas rodas radiofônicas. Um caso que veio demonstrar, de modo arrasador, a incipiência do espírito associativo nos domínios da radiodifusão, apesar de 27 anos de atividade ininterrupta. Vamos a ela...

Rui Bruno, rapaz pobre, que tentava fazer carreira ao microfone, adoeceu de repente. Sem recursos de espécie alguma, apelou para a Casa do Radialista, a Associação Brasileira de Rádio. Não se fizeram esperar as providências: e logo Rui Bruno foi objeto de exames de laboratório e chapas radiológicas através do Departamento Médico da ABR, antes de ser internado no Pavilhão Barata Ribeiro, a fim de submeter-se a uma intervenção cirúrgica, a cargo do dr. Lutero Vargas.

Teve o jovem enfermo desvelada assistência do corpo médico da ABR, sendo digna de especial referência, nesse sentido, a dedicação do dr. Cláudio Mancini. O jovem Bruno, entretanto, apresentava sintomas de outra moléstia em franca progressão — o reumatismo. Isso impossibilitou a operação marcada pelo dr. Lutero Vargas. E lá estava o doente totalmente paralisado, em seu leito de dor, impossibilitado quase de falar.

Impunha-se, portanto, a transferência de Rui Bruno, do Pavilhão Barata Ribeiro para o Instituto de Reumatologia (Rua Sorocaba, 606 — Botafogo). E prontamente agiu a ABR, internando o seu associado em quarto particular, cercando-o de todo o conforto e de todos os cuidados médicos especializados. Isso, é claro, sob a responsabilidade da Casa do Radialista, por cuja conta correram todas as despesas, bastante elevadas, como é fácil comprovar.

Aí, entrou em cena um medica-



Rui Bruno, já de pé, entre o dr. Cláudio Mancini, o sr. Mário Leão e a sra. Noêmia Aguiar. Um sorriso de felicidade...

mento milagroso, quase desconhecido entre nós: o ACTH. A ciência julgou imprescindível o ACTH no caso Rui Bruno. Em a cura para o jovem doente, que de outro modo seria condenado a uma dolorosa paralisia. Mas como conseguir o ACTH? Mais uma vez mostrou a ABR a sua eficiência, pois foi por intermédio da Casa do Radialista que se processaram as "demarches" para a busca do remédio caríssimo e de aquisição difficilima. Com a valiosa cooperação do dr. Carlos Máximo, advogado da Cia. Armour, foi possível transportar uma série de obstáculos e conseguir a importação urgente do ACTH. Basta dizer que isso acarretou tirada de licenças e movimentação de dóla-

res. E os dólares foram possíveis graças ao apoio do sr. Vitor Costa, que cedeu parte de suas disponibilidades nos Estados Unidos... Mas, enquanto se aguardava o precioso e insubstituível ACTH, era preciso tentar a situação nada lisonjeira do jovem Rui Bruno. E aí houve um gesto altamente humano do dr. Lutero Vargas: o deputado eleito em 1º lugar, no Distrito Federal, cedeu diversas doses de uma droga denominada Cortizone. Esta produziu efeitos salutarres no organismo combatido do radialista, até que chegasse a quèle milagroso ACTH... E o ACTH chegou.

Do principio ao fim do caso, a ABR portouse de uma forma exemplar, muito além do que seria de

esperar num racio de céticos e nihilistas impenitentes, que é o do nosso pobre rádio, no que diz respeito ao espirito associativo. FON-FON compareceu ao Instituto de Reumatologia, para ver tudo de perto. E teve a satisfação de encontrar Rui Bruno sorridente, animado, com uma alegria quase infantil na fisionomia de convalescente. Em parte já restabelecido, podendo ficar de pé, recuperou os movimentos dos braços, das pernas e da boca. A recuperação total, entretanto, é obra do tempo, conforme declarou ao reporter o dr. Nelson Sezine, diretor do Instituto:

— Rui Bruno está em forma dentro de quatro meses.

Ao lado do diretor do Instituto de Reumatologia, encontramos uma equipe da Casa do Radialista: dr. Cláudio Mancini, sr. Mário Leão, dona Noêmia Aguiar e outros que se retiraram antes da chegada do fotógrafo. Estavam satisfeitos os representantes da ABR, tão satisfeitos quanto o próprio Rui Bruno, que disse a FON-FON:

— Não tenho palavras para expressar o meu agradecimento à Associação Brasileira de Rádio! Estou como Lázaro, achando um sabor novo na vida, que parecia ter acabado para mim... Que Deus abençoe essa casa benemerita, despertando nos radialistas de todo o Brasil o desejo de uma cooperação sincera e decisiva com a nossa ABR, que precisa, agora mais do que nunca, do apoio de todos os soldados da rádio-difusão brasileira!

Mas, apesar de tanto contentamento do jovem Bruno, o jornalista não pôde deixar de fazer algumas reflexões bem amargas. Incrível

(Conclui na pág. 22)

A direita: Durante a espera do ACTH, recebeu Rui Bruno visitas de conforto da Casa do Radialista. Aí o vemos com um livro que lhe entregou a sra. Noêmia Aguiar. — No centro: O jovem Bruno diz ao sr. Mário Leão: — A nossa ABR encheu-me as medidas... A esquerda: O convalescente ri, ao ouvir uma boa anedota que lhe contou o dr. Mancini...



UM NOVO TIPO DE MELANCIA

UMA curta história da cultura da melancia está escrita na fotografia que aqui vemos: a melancia comprida, cilíndrica, com estrias verdes em fundo claro, ainda pa-

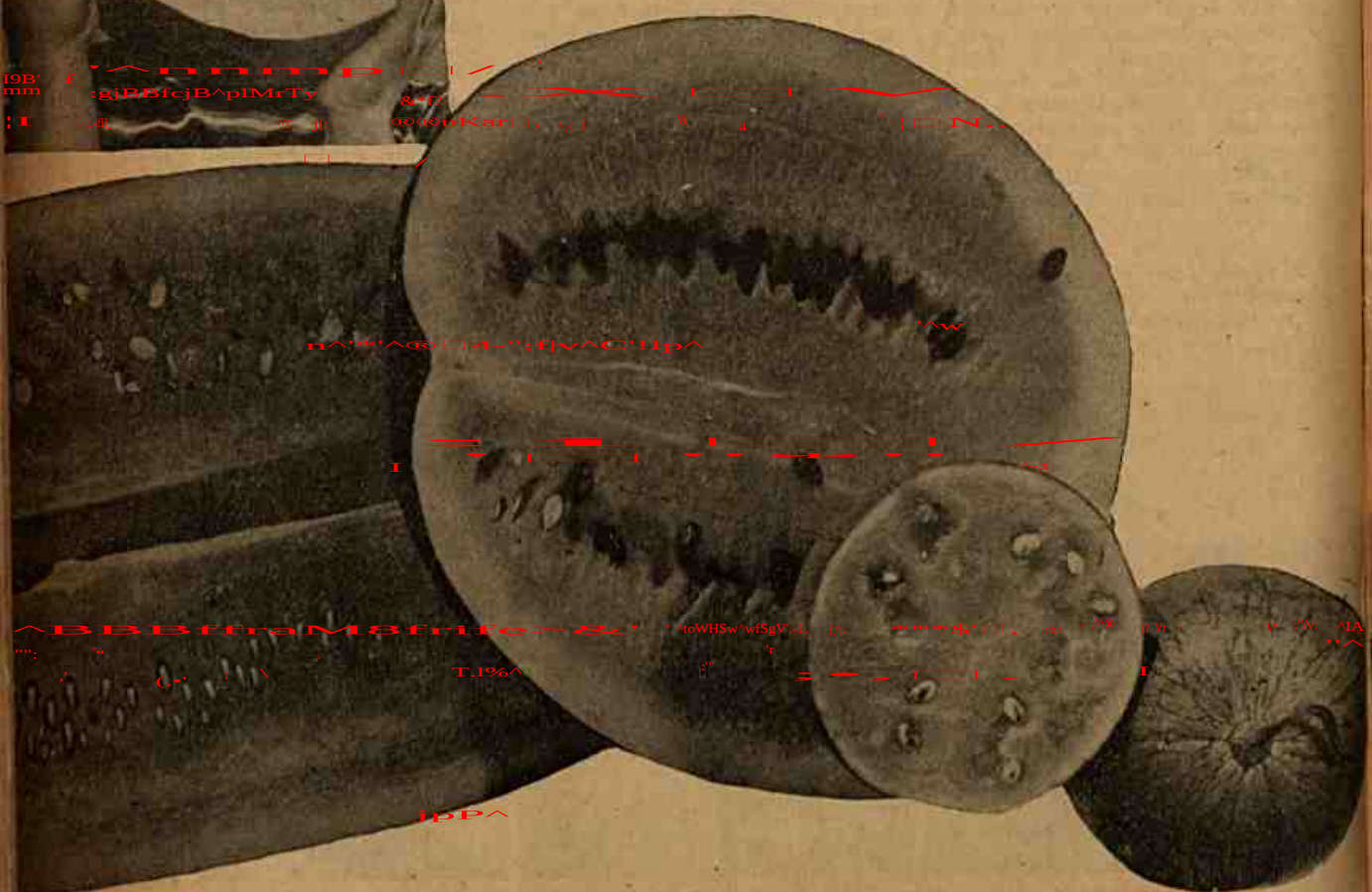
A melancia de antigamente: gostosa mas incômoda.



rece a mesma melância para muita gente. Embora muitos gostem dela pela sua doçura e pelo seu perfume, o peso que ela tem e o seu incômodo tamanho criam problemas muito sérios para as famílias pequenas. Inteira, é muito pesada para se carregar, muito grande para se guardar, e não pode ser servida toda de uma vez. Cortada, precisa ser carregada com muito cuidado, é difícil de se levar para casa, deve ser comida logo. Na fotografia, vemos também a melancia oval, quase redonda. É mais espessa quando cortada, mais fácil de se

carregada, menor no peso, mas com as mesmas desvantagens da outra na vida diária.

Agora, uma nova qualidade de melancia do tamanho de um "grape", com casca fina, verde-acinzentada e estriada, polpa vermelha muito doce e sementes pretas, surgiu para resolver o problema da melancia: servir a famílias pequenas e caber nas geladeiras. A Melancia Anã do New Hampshire, como é chamada, é o produto de uma série de experiências feitas pelo dr. Albert F. Yeager chefe do Departamento de Horticultura da Uni-



FÁCIL DE SE CARREGAR E DE SE GUARDAR NA GELADEIRA, A NOVA MELANCIA ANÃO TEM A CASCA FINA, O SUMO VERMELHO E AS SEMENTES PRETAS.

versidade de New Hampshire. O doutor Yeager cruzou o Favorite Honey, pequeno melão de polpa amarela, japonês, com a Dakota Sweet, redonda e de polpa vermelha, conseguindo finalmente o tipo anão que parece uma miniatura do melão grande, até na colocação das sementes (que são incidentalmente pretas quando maduras, como na maior parte dos melões grandes). O objetivo do dr. Yeager não foi somente conseguir uma melancia portátil e leve, para as cozinhas americanas. Ele quis também conseguir um tipo que amadurecesse num verão de New Hampshire, e que fosse também obtido no resto do país. O tipo anão do New Hampshire amadurece em 35 dias a contar do dia em que é plantada a semente. As plantas são muito prolíficas, diz o dr. Yeager, produzindo uma melancia de seis em seis polegadas, ou sejam 200 melancias numa fileira de 400 metros. Medram bem em solo bem adubado, regado, um tanto arenoso. Se têm sido empregados até agora somente em pequenas quantidades para experiência, o tipo anão, quando for oferecido ao mercado,

A nova sensação do Stark Club: melancia.



O tipo grande não cabe nas geladeiras. O tipo anão: em toda parte cabe.

obterá prêmios. Na zona do New Hampshire tem sido vendida cada melancia a 30 c. Diz o dr. Yeager que podem ser ainda por menos, e

que também podem ser plantadas e cultivadas no resto dos Estados Unidos, também no inverno.

Os plantadores do sul dos Estados Unidos, quando interrogados, disseram ser o novo tipo "uma novidade" que não durará muito. Mas quando uma amostra da melancia foi da Carolina do Sul para Nova York, e foi apresentada no Stark Club, fotografada pela imprensa, e empregada em jantares elegantes, deu assunto para muita gente e logo houve muitos pedidos daqui e dali. Colocada numa geladeira, ocupa pouco espaço. É muito fácil de ser cortada, muito macia. Servida pela metade, é refrescante e agradável.



Corpo esbelto
e faceira!...



VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante.

A perda de peso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

A venda nas boas Farmácias

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE, USE ESTES PRODUTOS DA

MULTIFARMA:

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquiagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, pontos e cravos tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a cor natural aos cabelos brancos.

Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a queda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro, o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua cor natural.

MULTIFARMA:

PRAÇA PATRIARCA, 26 - 2.º

S. PAULO

Remessa pelo Reembolso Postal

FOTOCRIME

Hannibal Cobb, William Phipps, Frank Wasman, Elaine Riley e Ted Gillett em

Fúria cega

Por AUSTIN RIPLEY



1 Nora Peel paga a sua conta no Hotel Crillon. Sydney Homer aproxima-se do "guichet". D. Nora: "Venha comigo lá em cima para dizer adeus a Joe, antes que eu e ele nos separemos". Homer: "Obrigado, Nora. Eu já ia mesmo. Joe telefonou-me duas vezes do seu quarto chamando-me. Ele teve grandes prejuízos nas corridas e parecia estar desesperado".

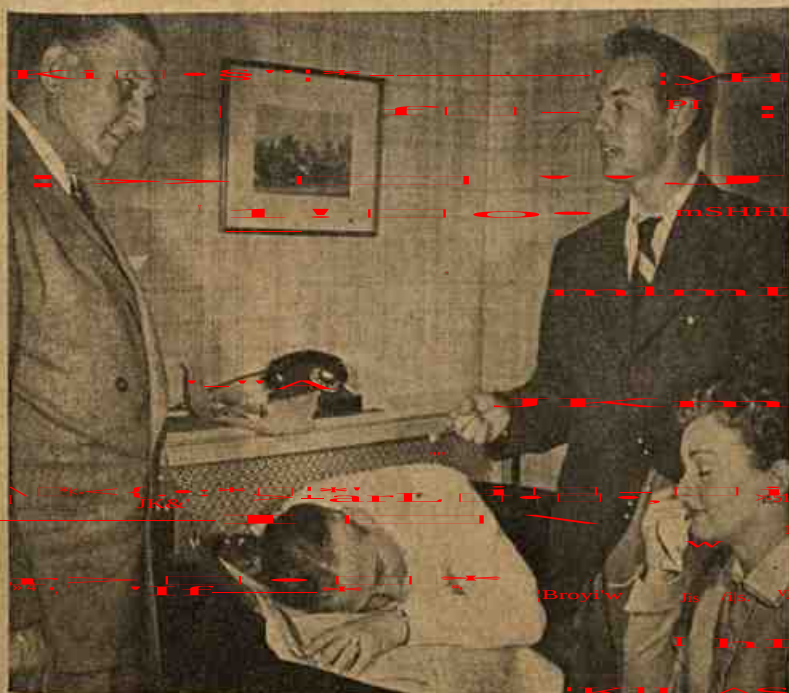
3 Cobb examina a conta do hotel. Pergunta a Nora a que horas pagou essa conta. Nora: "Acho que eram 4,10". Cobb: "Você viu Peel hoje?" Homer: "Não, mas ele me telefonou duas vezes hoje, do quarto. Estava muito abatido moralmente." "Talvez estivesse, mas não se suicidou", diz Cobb. "Trata-se de um crime!"

Hotel Crillon
NEW YORK CITY
ACCOUNTS

Mr. J. W. PEEL ROOM 1314

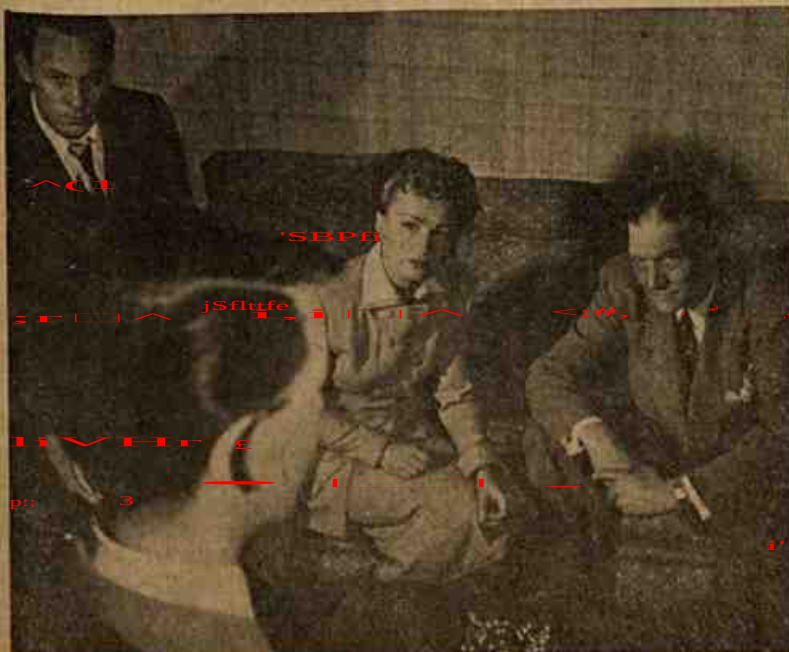
DATE	Room	Board	Telephone	Laundry	Telegrams	Tobacco	Bar	Room Service	C.O.D. etc.	Total
8-20	1314	9.00								9.00
8-21	1314	9.00								9.00
8-22	1314	9.00								9.00
8-23	1314	9.00								9.00
8-24	1314	9.00								9.00
8-25	1314	9.00								9.00
8-26	1314	9.00								9.00
8-27	1314	9.00								9.00
8-28	1314	9.00								9.00
8-29	1314	9.00								9.00
8-30	1314	9.00								9.00
8-31	1314	9.00								9.00
9-1	1314	9.00								9.00
9-2	1314	9.00								9.00
9-3	1314	9.00								9.00
9-4	1314	9.00								9.00
9-5	1314	9.00								9.00
9-6	1314	9.00								9.00
9-7	1314	9.00								9.00
9-8	1314	9.00								9.00
9-9	1314	9.00								9.00
9-10	1314	9.00								9.00
9-11	1314	9.00								9.00
9-12	1314	9.00								9.00
9-13	1314	9.00								9.00
9-14	1314	9.00								9.00
9-15	1314	9.00								9.00
9-16	1314	9.00								9.00
9-17	1314	9.00								9.00
9-18	1314	9.00								9.00
9-19	1314	9.00								9.00
9-20	1314	9.00								9.00
9-21	1314	9.00								9.00
9-22	1314	9.00								9.00
9-23	1314	9.00								9.00
9-24	1314	9.00								9.00
9-25	1314	9.00								9.00
9-26	1314	9.00								9.00
9-27	1314	9.00								9.00
9-28	1314	9.00								9.00
9-29	1314	9.00								9.00
9-30	1314	9.00								9.00
10-1	1314	9.00								9.00
10-2	1314	9.00								9.00
10-3	1314	9.00								9.00
10-4	1314	9.00								9.00
10-5	1314	9.00								9.00
10-6	1314	9.00								9.00
10-7	1314	9.00								9.00
10-8	1314	9.00								9.00
10-9	1314	9.00								9.00
10-10	1314	9.00								9.00
10-11	1314	9.00								9.00
10-12	1314	9.00								9.00
10-13	1314	9.00								9.00
10-14	1314	9.00								9.00
10-15	1314	9.00								9.00
10-16	1314	9.00								9.00
10-17	1314	9.00								9.00
10-18	1314	9.00								9.00
10-19	1314	9.00								9.00
10-20	1314	9.00								9.00
10-21	1314	9.00								9.00
10-22	1314	9.00								9.00
10-23	1314	9.00								9.00
10-24	1314	9.00								9.00
10-25	1314	9.00								9.00
10-26	1314	9.00								9.00
10-27	1314	9.00								9.00
10-28	1314	9.00								9.00
10-29	1314	9.00								9.00
10-30	1314	9.00								9.00
10-31	1314	9.00								9.00
11-1	1314	9.00								9.00
11-2	1314	9.00								9.00
11-3	1314	9.00								9.00
11-4	1314	9.00								9.00
11-5	1314	9.00								9.00
11-6	1314	9.00								9.00
11-7	1314	9.00								9.00
11-8	1314	9.00								9.00
11-9	1314	9.00								9.00
11-10	1314	9.00								9.00
11-11	1314	9.00								9.00
11-12	1314	9.00								9.00
11-13	1314	9.00								9.00
11-14	1314	9.00								9.00
11-15	1314	9.00								9.00
11-16	1314	9.00								9.00
11-17	1314	9.00								9.00
11-18	1314	9.00								9.00
11-19	1314	9.00								9.00
11-20	1314	9.00								9.00
11-21	1314	9.00								9.00
11-22	1314	9.00								9.00
11-23	1314	9.00								9.00
11-24	1314	9.00								9.00
11-25	1314	9.00								9.00
11-26	1314	9.00								9.00
11-27	1314	9.00								9.00
11-28	1314	9.00								9.00
11-29	1314	9.00								9.00
11-30	1314	9.00								9.00
12-1	1314	9.00								9.00
12-2	1314	9.00								9.00
12-3	1314	9.00								9.00
12-4	1314	9.00								9.00
12-5	1314	9.00								9.00
12-6	1314	9.00								9.00
12-7	1314	9.00								9.00
12-8	1314	9.00								9.00
12-9	1314	9.00								9.00
12-10	1314	9.00								9.00
12-11	1314	9.00								9.00
12-12	1314	9.00								9.00
12-13	1314	9.00								9.00
12-14	1314	9.00								9.00
12-15	1314	9.00								9.00
12-16	1314	9.00								9.00
12-17	1314	9.00								9.00
12-18	1314	9.00								9.00
12-19	1314	9.00								9.00
12-20	1314	9.00								9.00
12-21	1314	9.00								9.00
12-22	1314	9.00								9.00
12-23	1314	9.00								9.00
12-24	1314	9.00								9.00
12-25	1314	9.00								9.00
12-26	1314	9.00								9.00
12-27	1314	9.00								

Dirigido por John Farrow, elenco do filme da RKO "Onde vive o perigo"
Trade-Mark Reg. U. S. Pat. Off and Canada — Cowles Syndicate —
Reprodução proibida.



2 Pouco depois, o Inspetor Hannibal Cobb chega ao Hotel e começa a investigação sobre a morte de Joe Peel. Nora diz que passou a tarde no cinema e conta seu encontro com Homer no "hall" do hotel. "Quando chegamos aqui, Joe se tinha matado. Tinha perdido muito nas corridas de novo, e eu ameaçava de deixá-lo definitivamente".

4 Cobb chama um empregadinho do hotel. "A que horas você trouxe a beer a garrafa de licor?" O rapazinho: "As 2,40, senhor". Cobb: "A que horas você saiu?" Nora: "A 1,20". Cobb vem a saber que Peel não saiu do quarto naquele dia; e que fora morto com seu próprio revólver. Cobb: "Você vai ser preso e interrogado". A quem ele prende? e porque? Resposta na página 36.



Seja qual for

o seu problema

DE BELEZA



Espinhas
Manchas
Sardas
Rugas

Se a sua pele for macia, ave-
ludada e fresca, a sua aparência
será sempre jovem... A CERA
MERCOLIZADA faz surgir
uma nova pele, em poucos dias,
transformando a pele velha, em
outra, macia e assestada. A
CERA MERCOLIZADA su-
visa, branqueia e protege, fa-
zendo desaparecer todos os defei-
tos e manchas. Use ainda hoje
a CERA MERCOLIZADA.

Cera Mercolizada

Conserva sua cutis

Bela e Fresca



Acabe
com os
pêlos
Superfluos

...seu corpo se veja um
é sempre desagradavelmen-
tado. Comece hoje a usar
sua pele agradável no con-
A presença de pêlos no
tanto enfleam. Conserva
rosto, braços ou nas pernas
PORLAC, depilatório, —
gavelmente masculino —
na áspera a epiderme, use
PORLAC é delicadamente
dos, elimina os pêlos su-
de barbear — utensílio in-
te feia. Em vez de lâminas
perfumado de aplicação
fácil, positivo em resulta-

PORLAC

Quasi milionários do ar...



Muitos dos nossos passageiros!

O conforto e a segurança que oferecemos em nossos serviços têm a preferência total dos que os experimentam. Dirigindo-se a qualquer quadrante da terra, os nossos passageiros são sempre nossos. E é por isso que muitos já se aproximam do título honroso de "milionários do ar CRUZEIRO DO SUL".



Serviços Aéreos
CRUZEIRO DO SUL
Ltda.

Segurança e conforto insuperáveis
AV RIO BRANCO, 128 • Tel. 42-6060

A VERDADE SOBRE O "CASO" RUI BRUNO (Conclusão)

como parecia, a ABR não conta ainda com a colaboração indispensável dos radialistas, como bem observou Anselmo Domingos nas páginas da "Revista do Rádio". Todos sabem condenar com uma facilidade pasmosa; mas pouco sabem ajudar a construir a verdadeira Casa do Radialista, nos mesmos moldes em que os jornalistas construíram a sua ABI, a Casa do Jornalista, um monumento que todos respeitam com justiça. Pois depende dos radialistas, tão somente, que a ABR tenha, um dia, o seu edifício e o seu hospital, com todas as garantias para os associados que venham a ser colhidos nas malhas da fatalidade, como Rui Bruno. Infelizmente, esta é a grande lição amarga: o que os homens de rádio demonstram são sintomas de uma estranha vocação suicida — a destruição de todo um patrimônio que só não é mais rico e mais prestigioso em vista da displicência criminosa, neste país minado pela inércia, pela incúria, pela má vontade. Mestre Roquette Pinto disse, certa vez, que o rádio brasileiro é como o boi — não sabe a força que tem... Até quando teremos de suportar o peso dessa miserável ignorância? Só Deus o sabe. Por enquanto, o "caso" Rui Bruno pode servir de trágica advertência às loucas cigaras do nosso pobre rádio.

A CAPA DE HOJE

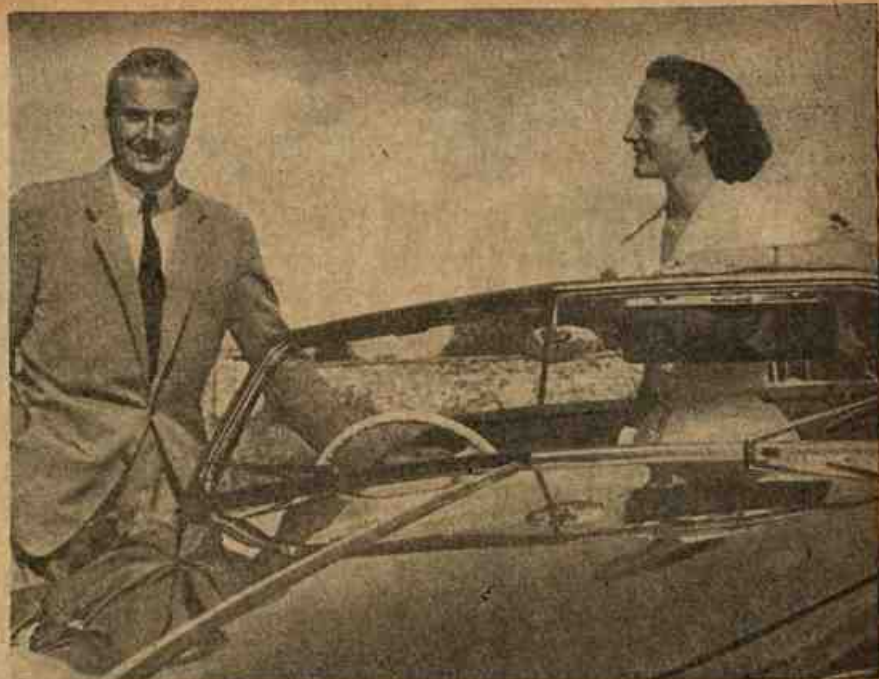


Vestido para a tarde em linho azul, com decote em V, debruado em pique e terminado em laço. Modelo de Eulalie. Manequim 40, medidas de 1 a 6 no suplemento anexo. (Apl).

PELO MUNDO

O BRINGHE E PRINCESA BONAPARTE AGUARDAM A VINDA DA CEGONHA

O príncipe Napoleão Louis Bonaparte e sua esposa aguardarão, em Paris, a vinda da cegonha, para onde viajaram justamente com o fim de fazer seu filho nascer na capital francesa. A criança será o primeiro Bonaparte a nascer em solo francês desde que a dinastia de Bourbons foi para o exílio de há 6½ anos.



A FOTOGRAFIA VENCEDORA NA ESPOLIÇÃO DE REPORTERES HOLANDESES

Esta foto, intitulada, com propriedade, o "Sussurro Real" mostra a Rainha Juliana ouvindo um sussurro confidencial, e venceu o primeiro prêmio numa exposição recente organizada pela União Holandesa de Reporters. Mr. DE NIS, o fotógrafo, recebeu uma medalha do Príncipe Bernardo.



A BELA PERDOA A FERA...

Quando a linda Doris Kieblock, de 19 anos, domadora de ursos, estava se exibindo num circo de Hamburgo, com seus animais, foi atacada por seu "aluno" Carla e acabou quebrando um braço. Quando no Hospital, foi visitada pelo "agressor" que, certamente, veio trazer suas desculpas, que foram plenamente aceitos por Doris.

SÃO-LUIZ

FONE 23.7679 • 25.7459

ODEON

FONE 23.1508

IDEAL

FONE 42.1216

RIAN

FONE 47.1144

CARIOCA

FONE 28.6178

2º FIFRO



Apresenta —



**Destino
A LUA**

Em **TECHNICOLOR**

PRODU. GEORGE PAL
DIREÇÃO IRVING PICHEL

COMPS. NACIONAIS

O lado pitoresco das doenças mentais

De BASTOS PORTELA



E' DEMASIADO conhecida a velha anedota do louco. Em todos os países é ela contada de um modo. O fundo, porém, não difere.

Depois de se fazer passar pelo diretor de um hospício, o psicopata anuncia: Eu sei cantar de galo. De fato, ele bate asas, e canta.

Loucos, semi-loucos, lunáticos. E os normais? E os sãos?

Mesmo sem se sair do domínio da ciência, é difícil situar a fronteira da loucura. Onde tragula finalmente?

Sim, porque é bem sabido que o gênio é vizinho da insanidade mental.

Newton tinha acessos incriveis — quando contraditado em suas opiniões. Transfigurava-se. Em um louco perfeito. Tasso e Cardano tinham manias curiosas: julgavam-se inspirados por Deus, — com quem chegavam mesmo a falar diziam, nos seus delírios místicos. Wexel, famoso romancista alemão, ia além: não hesitava afirmar: "Eu sou o próprio Deus!"

Por esse motivo, Moreau assegurou que "a genialidade é uma neurose". Entretanto, é natural que nos identificamos dos insanos. Os hospícios e os sanatórios são imprescindíveis. Na verdade, que fazer desses infelizes cujos cérebros vivem mergulhados na sombra? Como evitar a ação nociva dos tarados a coletividade? Onde metê-los, senão nos cubículos, isolados por fortes grades de ferro, da massa dos que julgamos equilibrados?

Há, porém, os abusos de força, as violências, os erros, os atos de inconsideração dos especialistas.

E eis porque se nos afigura lícito perguntar: "Podemos internar alguém como louco?"

Raciocinemos...

Na França, há, talvez, duas décadas, a sogra de um sub-secretário de Estado cometeu algumas fraquezas com um jovem conquistador. O genitor deli

agiu de modo sumário: internou-a como se fosse uma demente num manicômio qualquer.

Mudando, porém, a situação política do sub-secretário, a pobre senhora conseguiu libertar-se.

Para provar ao público e aos alienistas que ela era normal, dona de juízo perfeito, escreveu um livro intitulado — "Internee", onde contou a sua tragédia. A obra obteve sucesso estrondoso.

Em seguida...

Que podia ela fazer?

Intentou uma ação judicial contra o desalmado parente. Resultado: o genitor foi condenado a indenizá-la em vinte e cinco milhões de francos.

Foi ótima a lição.

Há outros ainda mais edificantes.

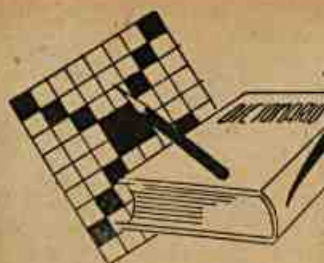
Nos Estados Unidos, durante a formação de culpa de um réu, considerado como um louco perigoso, seu advogado fez observar atentamente o pai dele, que funcionava no processo como perito.

Quando chegou a vez do contra-interrogatório, previsto na lei americana, o advogado inquiriu:

(Conclui na pág. 36)

REGULADOR SIAN

O remédio para todas as doenças próprias da mulher, como sejam as REGRAS DOLOROSAS, ESCASSAS ou EXCESSIVAS.



Palavras CRUZADAS

(Direção de ZILAH BASTOS SEABRA)

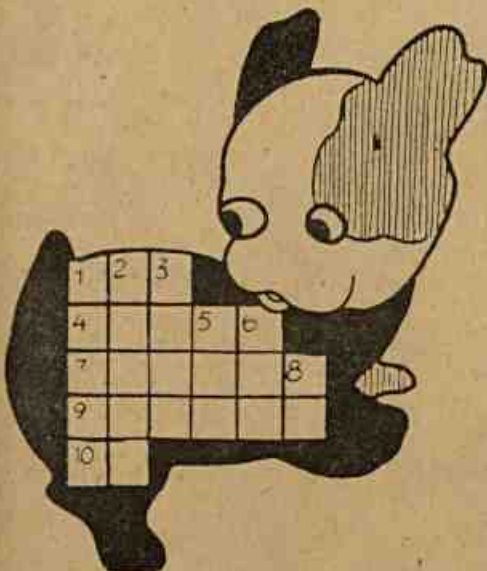
CORRESPONDÊNCIA

Maria Tavares — (Macas) — Não há dicionário perfeito, infelizmente. O de Cândido Figueiredo também tem suas lacunas, especialmente no que se refere aos brasileirismos. Mas é um dos menos imperfeitos, honra lhe seja feita. Quando receberemos um novo trabalho seu?

Regina Maria — (São Paulo) — De fato, a diretora desta seção é uma Legionária da Boa Vontade. Quem se dedica à arte das palavras cruzadas tem de possuir uma reserva inesgotável de boa vontade... Mas sempre compensa, porque temos colhido frutos magníficos da nossa paciência.

Silvio Freitas — (Palotas) — O amigo é um solucionista dos melhores. Estamos de acordo: o exercício prolongado das palavras cruzadas desenvolve consideravelmente a cultura geral. Veja o caso do Romário: já sabe quase todas as palavras dos dicionários... Avante, amigo!

Lia Melamuti — (Natal) — Gostamos de saber que até si chegam os nossos problemas, despertando entusiasmo nos leitores de FON-FON. Suas produções serão revistas com muito carinho de nossa parte. E volte a nos escrever, sim?



PROBLEMA N.º 1 — DE VÂNIA MARIA — NATAL

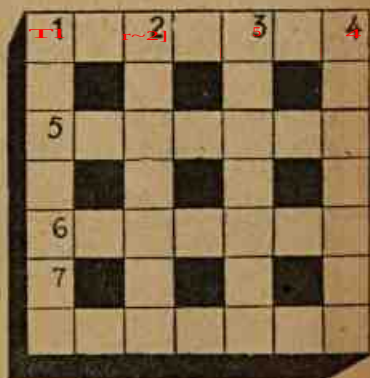
HORIZONTAIS:

- 1 — título dos bispos maronitas de origem síriaca
- 4 — espécie de amarantho
- 7 — raio luminoso que incide ou é refletido perpendicularmente
- 9 — indígena da tribo caraba do alto Caiari-Uiapés (pl.)
- 10 — (Antônio Fernandes de) — escultor português nascido em 1874

VERTICAIS:

- 1 — indígenas das cabeceiras do Uraricuera, cuja língua é considerada isolada
- 2 — abelha silvestre, da família dos apídeos
- 3 — fiasco; malogro
- 5 — malévolos
- 6 — até
- 8 — artigo (pl.)

Dicionários adotados: Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa e Pequeno Enc. de Monossílabos.



SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS DO NÚMERO ANTERIOR

PROBLEMA N.º 1

HORIZONTAIS:

- 1 — al; 3 — caraca; 7 — ataraú;
- 8 — aro; 9 — irá; 11 — ser; 12 — cór; 13 — tascar; 16 — anavia; 17 — só.

VERTICAIS:

- 1 — ará; 2 — lar; 3 — careta;
- 4 — atorar; 5 — caicai; 6 — auro-ra; 8 — as; 10 — ar; 14 — ras; 15 — evo.

PROBLEMA N.º 2

HORIZONTAIS:

- 1 — murada; 7 — ogival; 8 — re-vidé; 9 — amados; 10 — abd; 12 — lo; 13 — ter; 16 — ira; 17 — ara; 18 — nós; 19 — raz.

VERTICAIS:

- 1 — rugem; 2 — arado; 3 — moradas; 4 — rival; 5 — ávido; 6 — alestar; 10 — ain; 11 — bró; 14 — em; 15 — raz.

PROBLEMA N.º 2 — DE WALDIR COSTA — SANTOS

HORIZONTAIS:

- 1 — mão
- 5 — ébrio
- 6 — esquecido
- 7 — maldito

VERTICAIS:

- 1 — rústico
- 2 — vento frio e áspero
- 3 — resumo
- 4 — que não tem braços

Dicionário adotado: Peq. Dic. Bras. da Líng. Portuguesa.

Modelos de Hollywood

Por CÉLIA CLAY

"TAILLEURS" DE VERAO

O "tailleur" não só é um traje prático e útil, como torna a mulher mais elegante e possui também a vantagem de ser perfeitamente adaptável a qualquer hora ou ocasião, tornando-se por todos esses motivos, indispensável ao guarda-roupa feminino, tanto no inverno como no verão. Os "tailleurs" de verão devem ser confeccionados em linho, alpaca, panamá, fustão ou sedas pesadas.

Novamente Virginia Mayo, a estrela de "O Gavião e a Flecha", exibe um bonito duas peças em linho azul-claro, sendo a saia justa e o casaco com dois grandes bolsos, abotoado por botões de vidro.



Se você deseja um "tailleur" de feitiço mais "habillé", aqui está o que lhe convém. A sua confecção é em panamá lida, possui saia justa e ligeiramente aberta no meio da frente, casaco abotoado por um só botão, gola elegantíssima e bolsos originais. Luvas, bolsa e sapatos pretos.



Virginia Mayo está elegantíssima, com este conjunto de panamá verde que prima pela sua simplicidade. A saia é lisa na frente, com uma prega no meio de trás; o casaco é abotoado por botões de madreperla.



Com um "tailleur" de linhas sóbrias como este que Virginia Mayo, da Warner Bros. está usando, você estará sempre elegante para se apresentar em qualquer tipo de reunião social. A confecção é em alpaca branca e a sua originalidade está no modo como são colocados os botões na saia e no casaco.

O Remédio de Confiança das Senhoras



GINOSEDOL



Sob a grande marquise

(Por Miss "N".)

19 DE NOVEMBRO! *"Salve verde pendão da esperança"*... Bandeira da minha terra, tão linda no teu simbolismo verde-amarelo, evocando o ouro do subsolo e folhagem das imensas florestas! Na paz és a bênção da pátria sobre as nossas cabeças; na guerra, és o guia que conduz para a vitória ou para a morte, alentando o sublime ideal que faz do bem de todos o bem de cada um. Como no côncavo da vela cabe o destino do Barco, nas tuas dobras, bandeira do meu país, se abrigam o amor do povo e a grandeza do Brasil.

No Prado da Gávea houve um páreo comemorando a data da bandeira nacional; essa carreira foi ganha por Mandhi, o parrelheiro do Stud Lineu de Paula Machado.



No hipódromo, uma tarde chuvosa e feia, espantinho do belo sexo que, como os passaros, gosta de aparecer, só quando o sol está brilhante. A despeito do tempo, porém, ainda havia muita gente, predominando os barbados, já se vê...

A carreira principal, o *"Grande prêmio Jockey Club de Montevideu"*, coube a Corajo que teve uma torcida entusiástica. Esse páreo levou à Gávea muitos uruguaios os quais confraternizaram com os brasileiros, numa amistosa união que sempre existiu entre nós e esse povo que é nosso legítimo irmão.



Na tribuna de honra e no salão de chá, vimos: Embaixador do Uruguai e Sra. Jordano Heoher; e vários funcionários da embaixada uruguia; — a Sra. Júlio Moura com um tailleur muito gracioso; — Sra. Armando Fajardo, elegante *"toilette"* branca e chapéu de palha beije. — Diretor Dr. Rubens Antunes Maciel, que estava substituindo o Dr. João Borges Filho que se encontrava no Peru, em visita de cortezia aos dirigentes do Jockey Club daquele país. O Ministro e Sra. Cândido Lobo; — a interessante Sita. Helena Ribeiro e outros Sras, da elite carioca.

No salão de chá, saboreavam os deliciosos bolinhos que ali fornecem, as Sitas. Eunice Ramos que está contentíssima com a próxima viagem a Buenos Aires. — Tina Vitta a inteligente rádio-atriz da Nacional; — Marilda do Lago Fernandes e interessante sobrinha; — Zina, Flora e Célia Joviano ainda contando casos da estadia em Roma; — O Dr. Flávio Meira Penna, fazendo *"blagues"* como sempre; — o Dr. Nascimento, operoso secretário da Faculdade Nacional de Medicina; — O Dr. Fernando Luiz de Rodriguez, distinto auxiliar e discípulo do cientista notável Cesar Late; — Sr. e Sra. Theodor de Popovici; — Sra. Peixoto de Castro; — Sra. Corina da Silva Mathias; — Mr. Ashlin; Diretores sociais Drs. Júlio Moura e Armando Fajardo e Sra. Marina Medeiros — Numa roda a diretora e a subdiretora do Jardim de Infância Marechal Hermes, Professoras Lydia Lopes e Flora Nobre, recebiam cumprimentos pelo brilhantismo da festa comemorativa do quadragésimo aniversário daquele viveiro de crianças que é o traço de união entre o lar e a escola.

Mme. Martins elogiava o ato de justiça do Presidente Dutra agraçando a Sra. Eunice Weaver (o Anjo bom dos leprosos) com a Ordem do Mérito, inscrevendo-a, assim, no Livro do Mérito, onde o seu nome é um dos que melhor se ajustam. Obrigado, Sr. Presidente, em nome dos lusitanos do Brasil e das crianças que deles nasceram e foram salvas nos Preventórios da Federação que Eunice preside, pela homenagem prestada a essa benemérita mulher brasileira.

O Sr. Eduardo de Garcia, recém-chegado de Buenos Aires, fazia o *"footing"* ao lado de uma linda patriciã argentina, apesar do tempo estar pouco convidativo.

O SONHO DA MODELO ERA SER ATRIZ...



Em "Uma história da Filadélfia", Joyce faz um papel de mulher doidivanas, tendo sua maneira de representar sido elogiada. Disse a crítica: cheia de colorido, de estilo e de encanto pessoal".

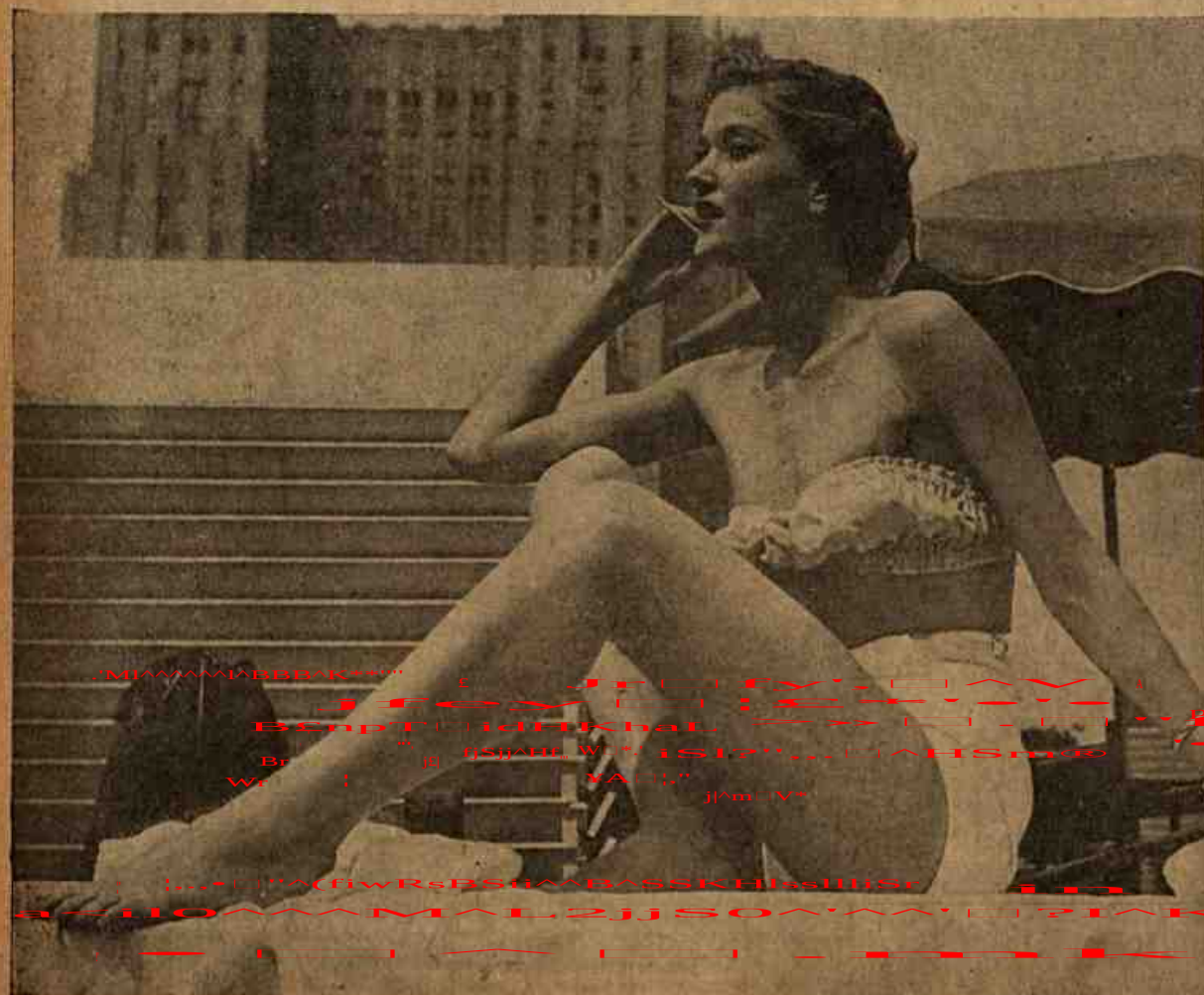
... e foi. Com 23 anos de idade, a modelo Joyce Lear, natural de Los Angeles, estava cansada de ser exibida dentro de vestidos, ou melhor, de exibir vestidos. Quis, por força, tornar-se atriz, e quando uma mulher bonita e inteligente quer uma coisa, quem disse que não consegue? Tendo provado seus talentos a Richard North Gage, diretor da Alenbery Players, foi por ele contratada para

Como modelo, era muito conhecida nas páginas de "Look", "Flair", "Vogue", "Harper's Bazaar" e outras revistas americanas.





O destino de Joyce está sendo resolvido. Ela aguarda ansiosa, enquanto o agente Milton Goldman telefona a um produtor da Broadway para "dar uma entrada" à futura estrela. Joyce contou depois que ficou enervadíssima, enquanto esperava.



Joyce aceita todos os riscos que corre uma futura estrela do palco: aquela excitação de fazer parte secundária dentro de um vestido de veludo preto, diante de olhos ávidos e indiferentes de mil mulheres estranhas.

A modelo Alice Bruno pega com afinidade um vestido que Joyce usou na peça teatral "Uma história da Filadélfia".

Toda modelo que se preza tem que atuar no seu elenco. Sua estreia deu-se com a peça teatral "Uma história da Filadélfia". O sucesso foi imediato. Grande futuro artístico espera Lear nos Estados Unidos e, talvez, quem sabe? no estrangeiro. Será que veremos um dia Joyce Lear no palco do Municipal?

PRE-ESTREIA

À MARGEM DA VIDA

ÓTIMO Libelo contra a justiça, perfeitamente argumentado. Jovem criatura comete uma falta. Recolhida a um presidio, para cumprir um tempo relativamente pequeno, vem a sofrer amplo declínio espiritual. Os sentimentos pouco a pouco são destruídos ante as injustiças e as maldades do meio. No entanto, quando ali entrara, ainda mantinha um idealismo em torno da beleza da vida. E, quando vem a liberdade, o domínio da involução era amplo, irresistível. Mais um filme corajoso que, liberalmente, critica o regime penitenciário americano e determinadas leis contrárias às razões da bondade. E vale a pena notar que em muitas nações do mundo dificilmente o governo permitiria que fosse elaborado ou visto pelo público tão completo ataque. Muito embora de quando em vez sejam as leis reformadas, há muita coisa que perdura erroneamente. Tudo um reflexo da dificuldade individual do próprio espírito humano em vislumbrar a perfeição. O conteúdo deste filme recorda esta noção geral e sugere muitas outras de valor. Não há dúvida de que por vezes é pessimista. Também que transita através da maldade e da corrupção. Todavia, não somente existem mesmo — em quase todos os países do mundo — os erros apontados como sempre restou um vasto ensinamento nas imagens. Trata-se de uma forte acusação aos idealizadores das leis, aos homens de governo, aos regimes penitenciários, à falta de humanidade para com os faltosos.

Há muita coisa no celulóide que lembra fortemente o filme francês "Vítimas do destino". Toda a ação decorre em uma prisão de mulheres. Há igualmente uma adjunta prepotente e sórdida em suas atitudes. O fio condutor geral o mesmo a trajetória de uma jovem que ingressa ali com o íntimo com muitos elementos de pureza. Não falta uma revolta geral das reclusas e, inclusive, uma criatura mais desesperada que chega ao último gesto de desespero. Inevitável é o confronto com o filme de Duvivier. Há muito realismo no atual mas o outro ainda seguia mais além. A diferença está no terço final. Enquanto o celulóide francês desenvolveu um tema lírico-emotivo de maior força cinematográfica, "À margem da vida" tornou-se mais construtivo. Apontou tão grandes erros humanos que se tornou uma obra que, instintivamente, força o sub-consciente a posteriores análises, ficando como uma notável lição de advertência social.

Notável é a direção de John Crowell. O veterano diretor de belos trabalhos de cinema — "Escravos do desejo" (de Bette Davis e Leslie Howard) "Naufrágio", "Aná e o rei do Sião", etc. — ressurgiu de auspiciosa maneira. Há unidade, seguro ritmo e poderosa força dramática. Muito embora a ação esteja cercada a um presidio e o ambiente tenha sido bem explorado no cinema é, conjuntamente com "Vítimas do destino", um dos mais decisivos filmes de todos os tempos sobre o gênero. Vive-se o drama daquelas criaturas e, particularmente, a imensa angústia por que passa a heroína. Psicologicamente bem construído, composto com vigor estético tem outros apólos em fotografia com efeitos sombrios apropriados à atmosfera do filme e uma partitura musical com densos temas, bem desenvolvidos por Max Steiner.

Extraordinária está Eleanor Parker. Não é apenas o maior trabalho da sua carreira mas sim um dos mais perfeitos do ano. Seus pensamentos estão limpidos, através de inesquecíveis expressões. Sente-se magistralmente toda a lenta derrocada que marca o seu espírito, as suas vãs esperanças e, finalmente, o inquérito da involução, da incerteza. Depois, há também outros desempenhos de vulto. A mesquinha inspetora, desempenhada por Ellen Corby é qualquer coisa de notável, merecendo um prêmio entre as coadjuvantes do ano. Espetáculo forte e intensamente dramático, é dos melhores do gênero (da Warners).



Eleanor é o expoente mas Ellen Corby está simplesmente magistral na cruel inspetora.

"CLOSE-UPS"

A MÚSICA NOS FILMES — Muitos julgam que as partituras musicais sejam compostas totalmente de melodias do próprio autor. É fato que há filmes de sublinhamento inédito, porém, até mesmo os compositores de renome geralmente utilizam acordes de outrém. O que mais interessa na questão é um exemplo concreto em celulóide de renome e de responsabilidade de um músico também célebre. Vejamos, por exemplo, o que aconteceu com a partitura de "A vida por um fio" (Sorry Wrong Number), o bom filme de Anatole Litwak recentemente estrado entre nós. Nada menos de doze composições de outros autores foram aproveitadas por Franz Waxman diretamente ou em variações. Vejamos: "Sinfonia Inacabada" (Schubert); "Tatahassae" (de Frank Loesser); "O poeta e o paisano" (de Von Suppe); "Tangerine" (de Victor Schertzinger); "Jingle, Jangle Jingle" (de Joseph Lilley e Frank Loesser); "Tune in January" (de Leo Robin e Ralph Renger); "Isn't It Romantic?" (de Richard Rodgers e Lorenz Hart); "Meu Ideal" (de Leo Robin); "Going My Way" (de Johnny Burke); "Lover" (de Richard Rogers), e muitas outras.



Cena do filme em que Eleanor Parker tem um dos grandes desempenhos do ano. À sua esquerda, outra grande atuação: Hope Emerson, em Evelyn.

E MOVIMENTO

Por
JONALD

DO BRASIL

TOMADAS E PANORAMAS

UM FILME ARGENTINO-BRASILEIRO

Sabíamos que "Mundo estranho", filme argentino-brasileiro havia tido grande sucesso em Buenos Aires e, assim, esperávamos algo de promissor. Ao início até certo ponto do transcurso, há certamente agrado. Desde o começo que se nota o intuito de forçar um pouco o sentido documentário. Há muita coisa interessante que exposta, não há dúvida, mas por vezes distante do verdadeiro sentido do celulóide. Porém, as ações são rápidas e, até perto da metade, é um aceitável entretenimento. No entanto, a partir da sequência em que o herói e o seu companheiro surpreendem o banho das nativas, é intuitivo o declínio. Deste momento em diante começam a ser mostradas diversas cenas sem interesse com o fio condutor da história. E, quando o protagonista encontra a sua antiga companheira de excursão, a queda passa a ser maior e não abandona as imagens até ao final.

Deixam muito a desejar os trechos decorridos na cabana, perto do final, entre a jovem e o chefe índio. No lado externo os rituais que são celebrados pelos selvícolas têm a sua curiosidade mas podiam ter sido melhor aproveitados tanto esteticamente quanto fotograficamente. Podemos deixar de lado a parte de ênfase — os celulóides de aventuras fazem mesmo toda a sorte de concessões fantasiosas e a trama não é inegavelmente a culpada pelos senões do filme. As qualidades são encontradas na primeira metade do filme — que fornece tantas esperanças — e por trechos esparsos. Por exemplo, o re-encontro do expedicionário com a jovem, na floresta, à noite ou, na parte aventureira, a passagem de ambos no barco através daquele bando de Jacarés. Entre qualidades e defeitos sempre ficou um celulóide que tem o seu público certo — os entusiastas de películas temerárias, com transcurso nas selvas. Para este grupo carecem de importância as quedas e incorreções técnicas e, daí, a explicação para o sucesso alcançado na Argentina.

Alexandre Carlos é um ator de qualidades. Dotado de bom físico e boa máscara fisionômica está quase sempre bem e, sem dúvida, é o melhor do elenco. Angelica Hauff tem beleza e fotogenia mas não demonstra a menor sinceridade para cinema. Há "pontas", commentitas por Anton Samboresky exagerado em várias cenas, Amália Sanchez Arino. Menos um pouco logron Nicolai Jartulay. Os outros, que apresentam altos e baixos, são Lalo Moura, Grijó So-brinho, Jesus Ruas, América Cabral e Carmen Brown. Francisco Elchorn demonstrou qualidades e ainda poderá apresentar algo bem melhor. Não foi auxiliado pelo roteiro, que tem trechos de pouca continuidade, e outros inúteis, mas tem senso de composição e consegue movimentar o transcurso. Enfim, o celulóide da San Miguel e Astra começa satisfazendo mas decai particularmente nas últimas sequências. Não pode ser considerado um filme brasileiro porquanto apenas parte das filmagens foram realizadas no Brasil. Todo o serviço de laboratório, dublagem, som, regravação, etc. foram efetuados na Argentina.



Das selvas Amazonas para Copacabana. Alexandre Carlos e Angelica Hauff, que atuaram juntos em "Mundo estranho", aí estão, em Copacabana, com o cão que também figura no celulóide.



Lourdinha Bitencourt, "estrela" do cinema brasileiro.

PECADORA IMACULADA — A Sagra Filmes, uma organização apoiada por fortes correntes católicas do país, a qual já tem um bom capital financeiro levantado por todo o país, escolheu o local para os exteriores do seu primeiro filme. Trata-se da Fazenda da Loanda, localizada em Manuel Duarte, antiga cidade de Porto das Flores. A preferência foi devido a motivos históricos de muita curiosidade. Yole Manon, a orientadora da direção artística tem tudo preparado para iniciar a filmagem de "Pecadora Imaculada", um filme de argumento religioso.

"A MARCHA PARA DEUS" — Continuam os preparativos para a filmagem de uma novela radiofônica escrita por Oranice Franco. O filme já foi orçado em dois milhões de cruzeiros e haverá algumas filmagens na Itália, nos campos de luta onde estiveram os soldados brasileiros. O general Zenóbio da Costa emprestou o seu apoio e, assim, diversas tropas filmarão evocações das lutas do recente conflito mundial. As filmagens terão início no começo do próximo mês, em S. João Del Rey, Minas Gerais. Depois, Nápoles, Pisa, Roma e Pistóia.

Teatro e Ballet

Por OSWALDO DE OLIVEIRA

UM ESPETÁCULO DE "BALLET"

CORTINAS

BRIHANTE a idéia do Grêmio Cultural Nilo Peganha, através de Abelardo Figueredo e Yedda Gatto em efetuar um espetáculo de "ballet" em Niterói. Todo o trabalho de divulgação desta grande arte deve ser saudado com respeito e entusiasmo. Esplêndido foi o programa escolhido mas o resultado sofreu uma série de dificuldades. Pode ser posto de lado o fato de os bailados terem sido apresentados com ausência de cenografia. Muito além disso está a concepção geral dos trabalhos e a grande boa vontade demonstrada por todos. Artisticamente, o espetáculo apresentou excelentes números. Porém, em diversos deles notou-se que os ensaios haviam sido insuficientes. Em outros, não havia equilíbrio entre a execução do pianista Celso Cavalcanti — por vezes adiantava-se muito e em outras ocasiões suprimia acordes — e de algumas das apresentações. Depois a pequena dimensão do palco do Teatro Municipal de Niterói teve a sua influência. Muito embora não oferecesse o espetáculo uma visão conjunta de harmonia, valeu por diversos notáveis bailados e também pelo entusiasmo geral da idéia. Os organizadores poderiam aproveitar a flama e repetir, com resultados certamente melhores, a mesma e merecida homenagem que prestaram a Tatiana Leskoff.

"Sinhedra", o clássico "ballet" romântico e essencialmente musical para o intérprete, inaugurou o programa da noite. Em conjunto, não satisfaz. A melhor figura desta apresentação foi Berta Rosanova que dançou com arte e segurança. Cirley Franca — que brilhou mais adiante do programa — não demonstrou as suas possibilidades na valsa, possivelmente por falta de maior número de ensaios. Beatriz Consuelo, no prelúdio, embora se conduzisse bem, já cumpriu muito melhores desempenhos, no Municipal do Rio, desse belo tema. Houve certas alterações coreográficas para simplificar o tema que a prejudicaram. Johnny Franklin esteve esforçado e cooperou para o êxito da Mazurka, ao lado de Berta Rosanova.

Na segunda parte tivemos o entre-ato e as variações da Primavera, do Príncipe e o "pis de deus", enfim, um trecho do "Lago dos cisnes", com Maria Angélica e Arthur Ferreira. Em conjunto, ambos dançaram bem. Precisa nos "foxtotes" e em toda a parte técnica, Angélica precisa, no entanto, fornecer mais ternura e sensibilidade às expressões. Seguiu-se uma coreografia ligeira de Eltsoff, uma polka interpretada com espontaneidade por Sima Chadrina que retirou bom partido da mesma. Depois, surgiu um dos pontos altos da noite: a dança espanhola do "Ballet Copella". Figurando a graça, a vivacidade e o ritmo idealizados por Delibes, Beatriz Consuelo cumpriu uma belíssima atuação. A seguir, Bertha Casanova apresentou a dança da fada, música de Tchaikowsky, uma seqüela dos "divertissements" de "As bodas de Aurora". Perfeita tecnicamente mas faltando a suavidade requerida. Não é o melhor gênero para a grande bailarina sendo certo que Beatriz é a figura indicada para o papel. Finalizando a segunda parte uma agradável surpresa: um valioso "Pássaro Azul". Cirley Franca aproveitou magnificamente a oportunidade e logrou grande sucesso. Dennis Gray esteve bem feliz e pareceu melhor do que em qualquer outra vez que tenha participado da coreografia de Petipa.

A terceira parte foi inaugurada com a variação clássica, de Tchaikowsky, em coreografia de Tatiana Leskoff. Arthur Ferreira confirmou que está atravessando a melhor fase da sua carreira, pois dança inegavelmente com maior firmeza. Em seguida Maria Angélica logrou uma interpretação bem ritmada em Raymonda, em coreografia de Schwezoff. Se houvesse maior número de ensaios, ainda atuaria melhor. Em modalidade bem apropriada ao seu temperamento, Sima Chadrina logrou outro êxito em "Czarica", coreografia de Gsovsky. Depois, um trecho de um dos mais espirituais temas para "ballet" o "Adágio" de "O espectro da rosa". Decididamente, foi onde ficou mais patente a falta de maior preparo em conjunto. Não há dúvida de que os participantes embora tecnicamente corretos não estavam ajustados entre eles. Falton o tenor sentido da grande coreografia de Petipa. Beatriz Consuelo dançou com classe e serenidade, mas ficou prejudicada com indecisão dos companheiros: Jonny Franklin, Aldo Lotufo, Arthur Ferreira e Dennis Gray. Enfim, falton o principal ao "Adágio": Depois, houve uma séria incorreção: alguém, nos bastidores, entrou com parte do corpo em cena a fim de entregar uma rosa que havia caído das mãos de um bailarino, provocando uma crise de riso do mesmo em cena! São naturais e imprevisíveis certos senões porém, procurar corrigi-los em cena aberta é um terrível erro. Em caso desses, a entrega da flor poderia ser apenas simbólica, com tanto valor como se fora realmente ofertada. No último número da noite, o "pis de deus" final de "As bodas de Aurora". Arthur, possivelmente cansado, não foi o mesmo dos outros números. Porém, Bertha Rosanova continuou impecável, e assim, fez jus às honras da noite.

O NOVO ELENCO DE PROCÓPIO — Para o Teatro Serrador, na estréia de uma temporada que se inaugurou com "Esta mulher é minha", estão ao lado de Procópio Ferreira: Iracema de Alencar, Ada Camargo, Hamilita Rodrigues, Wanda Pinheiro, Fernando Vilar, Carlos Duval, Walter Pinheiro e outros.

GESTO ELEGANTE DE RODOLFO MAYER — Muito embora a tabela oficial da SBAT fixe apenas em 10% o direito autoral, Rodolfo Mayer resolveu, espontaneamente pagar o dobro ao autor Pedro Bloch pelas representações de "As mãos de Eurídice". A repercussão do gesto foi até na SBAT, com um voto de louvor ao grande ator da nossa ribalta.



Sonia Kettar, destacado elemento da Companhia Dulcina Odilon.

A ELEIÇÃO DE MAGALHÃES JR. E OUTROS — O teatro não mais se pode queixar de falta de amparo oficial. Diversos elementos de prestígio no meio foram recentemente eleitos vereadores: R. Magalhães Júnior, famoso teatrólogo, com várias obras premiadas na Academia Brasileira de Letras; Paschoal Carlos Magno, uma figura de inegável batalhador do progresso teatral no Rio e também autor de várias destacadas obras de teatro; Carlos Frias, empresário teatral, conhecendo, assim, as dificuldades do meio e Afonso Segreto Sobrinho, membro de tradicional família, diretamente ligado aos meios teatrais. Consequentemente, é de se esperar que surjam iniciativas as mais promissoras possíveis para a expansão teatral do Rio.

NO TEATRO BRASILEIRO DE COMÉDIA — Em São Paulo, ensaia-se "Muito barulho por nada", de Shakespeare, a qual vem merecendo especiais cuidados da parte da direção.

O filme inédito da Semana

PAIXÃO ABRAZADORA

ELENCO

Chatelard, Jean Gabin; Odille, Blanchette Brunoy; Marie, Nicole Courcel; Marcel, Claude Romain; Viau, Louis Carette; A empregada do café, Jeanne Marken; O tio, Louis Seigner; Dorchain, René Blancard. Direção de Marcel Carné.

COFRAN-FRANÇA FILMES — RESUMO DA HISTÓRIA

Em Port-En-Bessin, pequeno porto de pesca normando, realiza-se o enterro de Jules Le Fleu, um pescador cuja morte deixa cinco orfãos no mundo. Enquanto a negra fila do cortejo fúnebre passa, para um último adeus, diante da flotilha dos barcos pesqueiros fundeados no cáis, em um café deserto um homem espera apoiado no balcão. É Henri Chatelard, (Jean Gabin) proprietário da mais importante cervejaria de Cherbourg, assim como de um cinema que lhe fica contíguo. Chatelard acompanhara sua amante, Odile, (Blanchette Brunoy) a Port-En-Bessin, a fim de que esta assistisse às exéquias de seu pai. Terminada a cerimônia, o Café se enche de pessoas. Depressa a conversação se generaliza. Fala-se de um leilão a efetuar-se nesse mesmo dia, durante o qual será vendido um barco pertencente a um certo Viau, (Louis Carette), homem dado a negócios desastrosos o que afoga os seus pesares em copos de bebidas. Um pouco mais longe, em casa dos Le Fleu, Odile e sua irmã menor, Marie, (Nicole Courcel) participam de uma reunião de família em que tios e tias fazem com bastante sordidez a partilha dos orfãos, à exceção de Odile e de Mário. Esta decide ficar em Port-En-Bessin, pois pretende empregar-se no Café. Entremetidos, Chatelard assiste à venda do barco e acaba comprando-o. Em seguida retoma, com Odile, o caminho de Cherbourg, não sem antes de ter conhecido Marie. Pôsto que esse primeiro encontro te-



Chatelard (Jean Gabin) encontra a Marie do porto

nha apresentado um aspecto pouco benigno, ela deixou forte impressão na alma de Chatelard. Este é um homem que conhece a vida, não possui ilusões, mas, sentindo talvez que o tempo passa mais depressa do que imaginara, interessa-se por todas as jovens bonitas. Marie, natureza normanda, de temperamento retraído, voluntariosa, cheia de ambigüidade, namora um adolescente, Marcel, (Claude Romain) filho de Viau e cabelereiro de ofício. Se Marcel mostra-se apaixonado, ignora, no entanto, quase tudo sobre as mulheres e sobre o amor. Seus ciúmes, suas tiradas tão calorosas quanto ridículas aborrecem Mário durante os encontros que tem com ele à beira da praia. Quanto ao velho Viau, muito severo com o filho, nem quer ouvir falar em Marie. Chatelard visita frequentemente Port-En-Bessin, pois seu barco necessita de reparos. Odile jamais o acompa-

nha. A ligação entre ambos vai em declínio, e embora o coração da jovem seja excelente, ela é sobretudo preguiçosa e comodista. Em cada uma das suas viagens à Port-En-Bessin, Chatelard encontra Marie e faz-lhe insinuações, mas não recebe senão respostas desconcertantes. Aproveita, entretanto, todas as ocasiões para vê-la, o que desperta comentários, até ao dia em que Marcel, louco de ciúmes, se atira sob as rodas do automóvel de Chatelard, completamente embriagado. O rapaz sofre apenas uma fratura. Como se recusa a voltar para a casa paterna, Chatelard o conduz à Cherbourg, onde Odile tratará dele. Chatelard compreende que Marie não lhe cederá senão através do casamento. Não é, porém, homem que se deixe prender assim, e decide nunca mais voltar à Port-En-Bessin. Entretanto, continua obcecado pela lembrança daquela garota tímida e de olhar sedutor.

Quando à Odile, preguiçosa e passiva, assiste sem muita reação à ruína de seu próprio romance encontrando um derivativo nas atenções maternais com que rodeia Marcel. Como Chatelard não mais a placara, Marie acaba indo à Cherbourg. Perdendo a serenidade Chatelard a encerra em seu escritório, disposto a possuí-la ainda que pela força, mas a atitude ao mesmo tempo calma e irônica de Marie consegue desarmá-lo. E ele a deixa livre, resolveu a entregá-la à seu apaixonado, Marcel. É nesse momento que Chatelard descobre que Odile e Marcel se entregam a demonstrações que nada têm de maternais... Uma formidável gargalhada lhe explode na garganta. Revoltado, Marie foge, Chatelard alcança-a. Suas respectivas posições se afrontam com precisão. Marie quer, exige o casamento que para ela representa a segurança do coração e da existência. Chatelard, embora o deseje, embora talvez a ame, insiste porém em continuar livre... A força obstinada e a juventude ambiciosa da jovem Marie consegue vencer a resolução de Chatelard — encontrando ambos uma felicidade rara.



E são descobertos os amores entre Odile (Blanchette Brunoy) e Marcel (Claude Romain)

O pêlo nas
pernas, braços e
axilas compo-
nente a sua pre-
sença na rua, nas
praias e nas reu-
niões elegantes.
Para eliminar os
pêlos superfúos
não use lâminas
ou navalhas, use
RAGE, o amantissimo e eficaz
depilatório em pó, perfumado.
Elimina com incrível rapidez os
pêlos incômodos.
A venda nas boas perfumarias.

DR. PAULO PÉRISSE
Chefe S. Proct. H. Gaiffre Guinle
VARIZES
e suas complicações
— Úlcera, eczemas
inchações, etc.
Hemorróidas sem operação
DOENÇAS ANO-RETAIS
Av. Rio Branco 108-10º sala 1006
Edifício Martinelli
Diariamente das 14 às 18
Fones: 28-4531 e 52-0251

USE
E
NÃO MUDE

JUVENTUDE
ALEXANDRE
Para os CABELLOS

NÚMEROS ATRASADOS
DE "FON-FON"
Podem ser adquiridos à rua Rama-
lho, Ortigão, 6, 1.º andar — Aca-
dêmias Toutemoute — e à rua Pedro
Alves, 60.

O LADO PITORESCO DAS DOENÇAS MENTAIS

(Conclusão)

Sr. perito, na sua opinião, uma
pessoa que desenha estrelas sem
cessar nos documentos que tem
diante de si; que limpa os óculos, de
dois em dois minutos; que aperta a
orelha, ao meditar; e que, ao dar en-
trada no Palácio da Justiça, procura
não pisar sobre as junções dos mo-
saicos — não se sabe por que — é
um homem perfeitamente normal?

— Não, certamente! — exclamou
o perito. É um louco, sem dúvida.

— Pois bem! — atalhou, vitorioso,
o causídico. E juntou:

— O senhor acaba de aconselhar a
sua própria interdição. Seis pessoas
aqui presentes podem testemunhar
que é exatamente o que o senhor faz
há dois dias seguidos.

Esse episódio foi reproduzido por
todos os jornais americanos. E diver-
tiu 130 milhões de pessoas...

De outra vez, houve um jantar
em casa de um psiquiatra. Os con-
vidados eram todos pessoas de cer-
mônia, homens graves, senhoras da
boa roda, cientistas e moças.

Quando a sopa terminou, o anfi-
tão, isto é, o médico de loucos se
levantou e desculpou-se: "Perdão! Es-
queci o meu chapéu. Vou buscá-lo. E
volto já".

Sai apressado, e retorna instantes
depois, com o chapéu na cabeça.
Sentou-se à mesa, sem tirá-lo, em meio
ao espanto geral. E continua a sua
refeição, imperturbável.

Ninguém ri — nem ousou dizer
que ele estava maluco.

Por que?

Em um alienista...

Faça a casos como esses foi que o
jornalista Alexis Damin, defensor dos
doentes mentais, opinou, certa vez:
"Où, il faut interner les psychia-
tres".

Nem tanto nem tão pouco. Seja-
mos mais ponderados.

Maior razão, nêscue particular, tem
o illustre Carrel, quando, depois de
assegurar no prefácio de "L'Hom-
me, cet inconnu", que começamos
a sentir a fraqueza de nossa civili-
zação", conclui, no fim do livro:
"Il faut nous lever et nous mettre
en marche. Nous libérer de la tech-
nologie aveugle".

FOTOCRIME

(SOLUÇÃO)

O Inspetor Hannibal Cobb pren-
deu Sidney Homer por assassinato
de Joe Peel. Pois quando Homer
disse a Cobb (texto 3) que Peel lhe
tinha telefonado duas vezes naque-
le dia, do quarto do hotel, Cobb
achou Homer suspeito. Examinando
a conta do hotel, Cobb notou (foto
3) que não havia nela nenhuma fa-
tura relativa a chamadas telefônicas.
Parecia detalhe insignificante, mas
foi evidência suficiente para mandar
Sidney a cadeia elétrica.

Após longos interrogatórios, Ho-
mer finalmente confessou que visi-
tara Peel durante o dia. Este lhe deu
uma "barbada". Homer saiu e colo-
cava suas economias no cavalo que
"não podia falhar". (Conforme disse
Peel não queria que ele telefonasse
falando sobre a aposta, com medo
que Nora descobrisse). Quando o ca-
valo em que ele apostara perdeu,
Homer voltou, acusando Peel de lhe
ter dado de propósito um mau pal-
pite. Seguiu-se uma discussão e Ho-
mer matou Peel.

Bom penteado
todas as horas
graça a

Gomalina
EXCELSIOR
PARA ASSENTAR O CABELLO
— PRODUCTO VEGETAL —
NÃO GORDUROSO

Atendem pedidos pelo reembolso
postal — LABORATÓRIO XAMBÓ
Rua Souza Dantas, 23 — RIO

DAME FRANÇAISE
Enseigne son idiome avec
methode facile et rapide
Prix moderés
Telefone 47-3759

Modas de FON FON



GRACIOSO MODELO PARA SER CONFECCIONADO EM LINHO DE TOM CLARO (VERDE, AZUL, ROSA OU BEIGE). TODO ABOTOADO NA FRENTE E REALÇADO POR BONITO CINTO DE FINÍSSIMO COURO. MOLDES DE: 7 A 11, NO SUPLEMENTO ANEXO, EM MANEQUIM 44.

A elegância em seus detalhes

ELIANE

A MAIOR novidade do momento é o clássico *paletó* chinês, tanto para completar um traje de passeio, — e, então, é confeccionado no mesmo tecido o vestido, seja, linho, fustão, shantung ou surati, — quanto para compor uma toilette de gala, — em cetim ou em faille, sobre um "fourreau" justo, com ou sem alças.

O seu corte é reto, golinha em pé, mangas três quartos, ou inteiramente inexistentes, tendo um talho abotoado nos ombros, e abotoado ao longo do busto, ou em diagonal.

Motivos de adorno que resistem à volubilidade da Moda são os bolsos e os botões.

Com efeito, veem-se bolsos de tamanhos os mais variados aplicados indiferentemente ora na saia, atingindo quase até a barra, ora na gola, ora, ainda, nas mangas (1), como logo acima ou abaixo da cintura.

E os botões vão sublinhando a bizarria dessas fantasias!

Para as festas, continuam em grande voga os vestidos em renda, sobre forros, justos, em cetim ou em faille, e os modelos em brocado de faille, com originais pâncreamentos.

A mousseline e o faille, recamadas de lantejoulas, constituem outro motivo de sucesso na presente estação.

Renda e veludo é outra combinação de fino gosto, para um *cock-tail* ou outra qualquer reunião elegante.

Primeira Comunhão

TRES BONITAS SUGESTOES PARA O TRAGE DE SUA FILHINHA, QUE VOCE, LEITORA, ESTA PREPARANDO PARA FAZER A PRIMEIRA COMUNHAO. ESCOLHA UM DOS MODELOS, LEVANDO EM CONSIDERACAO A IDADE E O TIPO DA MENINA.



Os mais lindos
modelos

Os melhores
artigos

RUA DO OUVIDOR, 141 - RIO



O Modelo da Semana

Vestido decotado para o verão em algodão xadrez. O modelo possui também um bo-
lero. Modelo Kane-Well. (N. Y. D. I. — Aple).

guarnição para CAMA



Para o seu apurado bom gosto, querida leitora, eis uma elegante guarnição para cama de casal, composta de coberta e fronha. O motivo do bordado são flores que se repetem e se entrelaçam com desenhos festonados. A barra é fixada com ponto Paris e as flores são executadas em ponto cordonet e aberturas de crivo, ao passo que as folhas são bordadas em ponto passado.





Cláudio Brandão
Rfo

- 1 Vestido de chantung verde com guarnições brancas. Blusa com bastante franzido na cintura, saia justa com um pano estilo avental.
- 2 Vestido de tafetá quadriculado, decote com gola em ferradura e laço preto. Abotoamento duplo e dois "panneaux" laterais, presos por um pafiado.

- 1 Encantador vestido em mousseline estampada em "pois", sobre um forro em faille, em tom unido.
- 2 De corte bem simples é este vestido em linho azul; a blusa é ornamentada de nervuras e jours.
- 3 Banito vestido em crêpe celeste, guarnecido de bordado; a saia é plissada.





1 Uma grande gola em piqué ricamente bordada, é a nota característica deste elegante modelo.

2 Bonito conjunto em linho marron; corpete branco. Enfeita bordado aplicado.



- 1 Vestido chemisier em mousseline, inteiramente plissado, mangas quimono e colarinho terminando em laço.
- 2 Vestido todo plissado, abotoado lateralmente e flôres à cintura.
- 3 Elegante vestido composto de blusa de mangas amplas e saia plissada; largo cinto drapeado.
- 4 Este vestido em surah estampado em "pois" pode ser usado com um "ensemble" transparente em "chiffon".



- 1 "Ensemble" compreendendo um amplo casaco quitano, em linho amarelo, gola "tailleur", bolsos e reversos pespontados, uma blusa chemisier listrada e calças de fina flanela marrom.
- 2 Enfeitam este vestido bonito laço drapeado e piqué.
- 3 Encantador vestido em crêpe de seda branco, tendo uma aplicação de renda também branca.



1 Chemisier em shantung. As pregas partem da blusa e se prolongam, não batidas, dando amplitude à saia.

2 Vestido em cambraia de linho, tendo o decote redondo e as mangas franzidas, em balão. O mesmo motivo se repete no entremeto da saia.

3 Chemisier em seda. Blusa plissada e talhe bem justo, tendo a saia em forma.

4 Vestido em linho, de mangas curtas, o corpete fechado por um "eclair" e guarnecido de dois bolsos. Saia curta ampliada por pregas fundas.

- 1 Vestido em shantung estampado, de corte novo o interessante, próprio para a estação estival.
- 2 Simples e prático vestido em cambraia de linho amarela, levemente franzido na frente da blusa e da saia.
- 3 Juvenil modelo em piqué branco, guarnecido do mesmo tecido em listras.





1 De tulle cinza sobre tulle rosa é este vestido de baile que, pelo contraste de cores, produz um efeito de "changeant".

2 Elegante vestido de jantar, em crêpe estampado, guarnecido de faíla ou cetim em tom unido.

3 Encantado: vestido de noite composto de corpete, sem alças, em organdi branco, enfeitado de aplicações de flores em cordão branco, imitando renda, e o saia em tulle azul-rosa, em "plissé-sola", sobre um fundo de tulle bem amplo para fazer o tulle "armado".



1. Aplicações em bordado inglês guarnecem este vestido em percal azul.
2. Delicioso vestido em piqué ou linho branco, tendo a golinha e o cinto da mesma cor que os cordões que enfeitam o alto da saia.
3. Vestido em crêpe da china estampado; gola, e reverso cinto em crêpe branco. Pregas sobre um lado da saia.



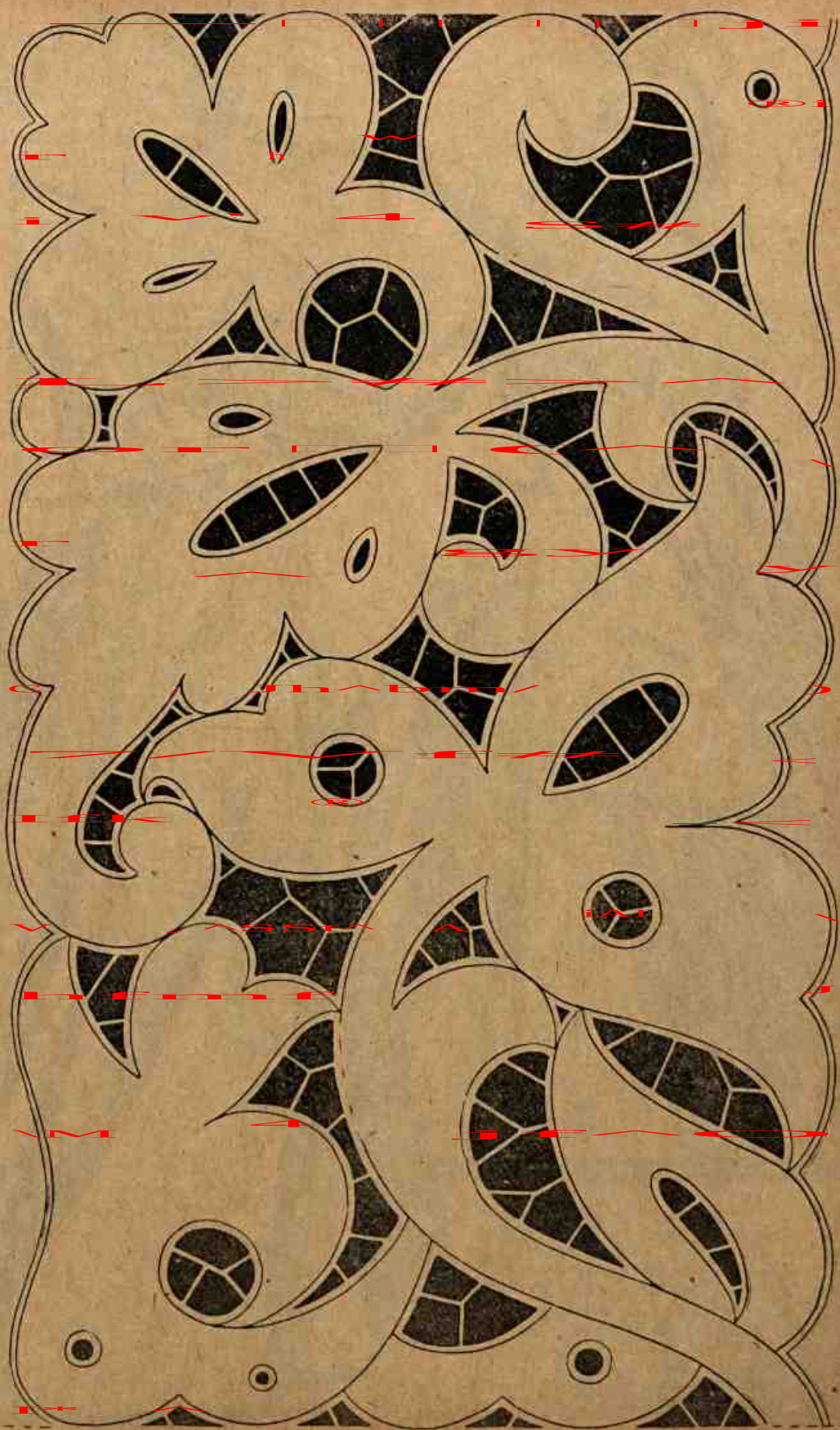
blusas de verão

1. Blusa frente-única com grande laço preso à gola.
2. Original blusa com uma pala abotoada e um grupo de pregas horizontais.
3. Blusa sem mangas, em plissado largo e abotoada em botões de madreperla.
4. Blusa frente-única com "pois" bordados e a gola presa por um colar de pérolas.



Bordado em ponto "richelieu" é utilizado nos dois modelos desta página. Um deles, em faille, tem o corpo justo até os quadris, de onde a saia se abre em gomos profundos. O bordado corre ao nível do busto e dos quadris. O outro, de seda, ornado por baixo do busto e na barra dos diversos volantes que caem, em comprimentos diversos, sobre a larga saia godê.







1 Elegante vestido em duas peças. O casaco sem alças é bordado em pedras no decote e tem duas lapelas na grande basque. Saia de tulle. Colarinho de pontas viradas, por onde passa uma gravata de tulle, cujas pontas descem pelas costas até a barra da saia.

2 Modelo de tafetá, em que um dos ombros é coberto por uma aba forrada. Saia godê abotoada.

Copyrighted
1920



O primeiro modelo é de rafia. Uma grande aba cobre um dos ombros. No outro, uma manga de vários babados de organza plissada. Um farto ramo de flores esconde um pouco a ousadia do decote. Saiu ampla todo negada em organza plissada. O segundo é também de organza plissada na saia e nos babados superpostos que se prendem ao decote sem alças, onde um grande bouquet de rosas ajuda a manter os babados armados.

1 Tailleur de linho amarelo, corte clássico, com sãia e gualtições de linho preto.

2 Também de linho este modelo traz largos debruns pretos. Bolsos aplicados sobre os quadris, um dos quais leva grande lenço de gaze. Botões brilhantes.



1. Vestido de rayon-listrado com blusão folgado na cor das listras. Saia enviezada.
2. Vestido de shantung, com recortes horizontais, guarnecidos de lapelas dispostas simetricamente.
3. As costas deste vestido sem mangas é em seda preta. A frente completamente plissada é de três tons da mesma cor. Blusa abotoada com efeito "blousant" e uma golinha preta.

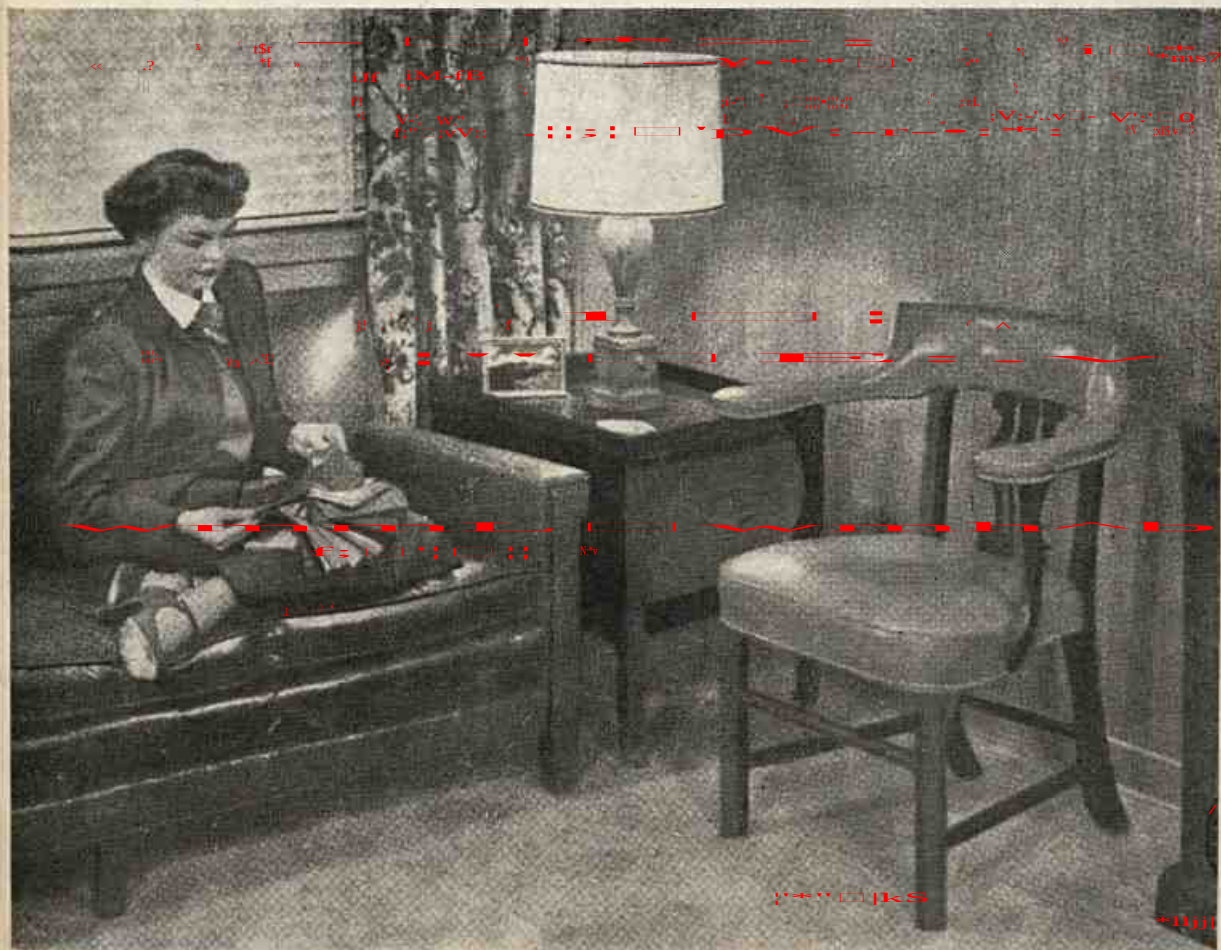




- 1 Vestido de fustão branco, blusa sem mangas, decote em V. Saia ampla, com um apanhado de pregas na frente e recortes em ângulo reto formando bolsos. Debruns vermelhos.
- 2 Vestido de linho claro com recorte lateral abotoado. Saia reta até os joelhos, onde se prende um largo babado pregueado.
- 3 Modelo muito simples em gorgurão de seda. Blusa sem mangas e saia justa, ambas trespassadas num corte curvo. Quatro botões grandes e efeito "bica-sant" nas costas.

Cortinas - Móveis

Tapetes - Decorações



Grupos estofados

ESPECIALIDADE DE NOSSAS OFICINAS

PRONTOS PARA ENTREGA IMEDIATA

ORÇAMENTOS EXECUTADOS
POR TÉCNICOS DECORADORES

ASA UNES
MARCA MARCA - MARCA MARCA
65 - RUA DA CARIOCA - 67 - RIO

A Literatura

da criança
não é a mesma
do adulto...

- e também
o fortificante!



Para as crianças do Brasil

só o

Hoje, ninguém mais ignora esta verdade: a criança quando enfraquecida, necessita de um tônico próprio para a sua idade e que contenda em sua composição todos os elementos favoráveis ao período de crescimento. É assim o TÔNICO INFANTIL, completo em sua fórmula especial, de gosto agradabilíssimo, um preparado científico que, de fato, torna as crianças mais saudáveis, mais fortes e alegres!



TÔNICO INFANTIL

